

A PAIXÃO



Padre Júlio Maria de Lombaerde
Cruzada da Boa imprensa
1937

Nihil Obstat
Rio, 11-X-1936
P.J. Bapt. de Siqueira

Imprimatur
Rio, 13-10-1936
Mons. R. Costa Rego, V.S

ÍNDICE

- 1- A loucura da Cruz
- 2- A Agonia no Jardim
- 3- A Flagelação
- 4- A Coroa de Espinhos
- 5- Jesus recebendo a Cruz
- 6- A Crucificação
- 7- O Fruto da Paixão

I- A LOUCURA DA CRUZ

Nos stulti propter Christum.

Verdadeiramente, nós somos loucos, mas loucos de amor por Jesus Cristo.

A obra prima da alegria é a Cruz de Jesus Cristo. Esta cruz, que aos olhos do século parece não ser mais que o símbolo da tristeza, do sofrimento e da dor, é, na realidade, o requinte da ventura; e essa loucura de que fala o apóstolo São Paulo, a do cristão que procura assemelhar-se a Jesus Cristo e por Seu amor se torna como que louco, essa loucura é verdadeiramente o supremo arroubo da felicidade.

Sei, o século não entende assim: um Deus flagelado, ferido, ensangüentado, crucificado, morto, parece-lhe um símbolo absurdo. O homem que o cobre de beijos e lágrimas, que pelo repúdio de sua vaidade e de seu orgulho, pela renúncia de suas paixões, que procura reproduzir em si a Cruz de Jesus Cristo, parece-lhe o cúmulo da loucura.

Que importa, porém, os pensamentos do século?! Se na terra já houve uma alegria completa e inefável, a do Amor Crucificado; se as criaturas humanas já foi dado algum antegosto da felicidade, que ardentemente desejam, elas o acharam no contato com Jesus Cristo.

O mundo físico tem muitas alegrias: a vida, a saúde, a força, o espetáculo das cenas variadas da natureza, o aspecto das montanhas, a extensão dos mares, a beleza das planícies, os brilhos do sol, os próprios ruídos da tempestade são fontes de prazer para o homem.

O mundo intelectual tem muitas alegrias: o simples exercício das faculdades do espírito, a rapidez, o fluxo e o refluxo dos pensamentos, os encantos da poesia, as harmonias da música, os atrativos da forma e da cor, a pintura, a escultura, a arquitetura são para o espírito e o coração do homem fontes de emoções deliciosas.

O mundo moral tem muitas alegrias: o amor da família, da pátria, da humanidade; as tranqüilas afeições do lar; os afetos ardentes da juventude; as profundas meditações da idade madura; uma grande esperança que se alimenta; uma grande vitória que se conquista - tudo isso é para o homem perene, inesgotável manancial de alegria.

Pois bem; resumi numa só as variadas alegrias do mundo físico, as alegrias variadíssimas do mundo intelectual e moral; resumi num só todos os gozos puríssimos da inteligência, todos os prazeres mais delicados da imaginação, vós não tereis senão uma pálida sombra desta infinita alegria que se chama - a Cruz.

Strauss escreveu:

- "A Cruz com um Deus morto pelos pecados dos homens é para os crentes não somente o penhor visível da redenção, mas também a apoteose do sofrimento. É a humanidade na sua forma mais triste, com todos os seus membros dilacerados e quebrados; a

perfeição do cristão e a maldição do mundo. A humanidade moderna, satisfeita de viver e operar, não pode mais achar em tal símbolo a expressão de sua consciência religiosa; e conservá-lo na Igreja é acrescentar mais uma razão às muitas que já o tornam incapaz de existir. A Cruz é um anacronismo, um sinal de decadência e caducidade".

Que ignorância! A Cruz, o poema predileto da humanidade, é o símbolo que se encontra ainda nos lares, em milhares de corações e em todos os túmulos; a Cruz é o alívio do desventurado, a esperança do moribundo. Na alegria ela entenece; na tristeza ela consola; até mesmo no cemitério, nas sombras da morte, a Cruz é um penhor de vida!

Mas a humanidade ama ardentemente o gozo e o prazer; de fato, ela não procura senão a felicidade. A Cruz, portanto, é só aparentemente a apoteose dos sofrimentos; e a maior das felicidades humanas é a dos corações crucificados.

A Cruz é a obra prima da alegria, porque ela é obra de Deus, e Deus é alegria infinita; e compreende mal a criação, mesmo depois da queda primitiva, quem supõe que a dor representa nas obras de Deus mais que um papel secundário.

No mundo físico não é a dor que prepondera: ninguém pode descrever o número, a grandeza e magnificência de suas alegrias, que envolvem o globo inteiro.

No mundo moral, sem dúvida, existe a dor; mas ela procede da prevaricação do homem, e não de Deus, cuja bondade aponderou-se dela, transfigurou-a, e de tal sorte transformou-a, que a dor tornou-se para o homem, na condição em que ficou colocado depois da queda, uma condição da alegria.

É uma alegria a dor que o homem sente vendo o que há de irregular no mundo físico, de trágico e triste no mundo moral. É uma alegria a dor do arrependimento, a contrição dos pecados, a resignação na desgraça, a paciência no infortúnio, a conformidade com a vontade de Deus em todos os estados e condições da vida. É pela dor que a criação reassume a sua alegria; e por isso a dor entra em tudo que há de dramático e patético na vida humana; e por isso glorificar a dor é uma das mais altas funções da música, da pintura e da escultura; e por isso para a humanidade nada tem interesse real se não tem alguma relação com a dor; e por isso a dor é verdadeiramente para a vida de cada homem uma condição necessária de sua alegria.

Onde, porém, perguntareis, colocar a alegria numa vida como a de Jesus Cristo? Onde ver a alegria naquela Cruz?! Pois a Paixão do Homem-Deus não foi o sumo da dor, e por consequência exclusão de toda alegria?!

Sim; a Paixão de Jesus Cristo foi uma dor real, completa e tão vasta que abrangeu toda a Sua vida, desde o primeiro vagido do Presépio até ao derradeiro gemido do Calvário. É só aparentemente que se distinguem o berço do menino Deus e a Cruz do Varão de dores; na realidade se confundem a manjedoura de Belém e o monte Calvário. Para o menino, pela ciência completa de Sua alma e o pleno uso de Sua razão, a previsão de Seus opróbrios e ignomínias, de Seus sofrimentos e de Sua morte era já uma paixão substancial.

Se as dores físicas da Paixão não Lhe torturavam já os músculos, os nervos e a carne

pela vivacidade da Sua previsão dava-Lhe um horror e tremor correspondentes. Aliás, os sofrimentos da santa infância, agravados pela fraqueza física e a impossibilidade voluntária de fazê-las conhecer, foram em Jesus Cristo dores físicas perfeitas. Quanto às dores morais, a santa infância é em toda a realidade o começo da Paixão: o presépio é o Calvário que começa.

Exterior e interiormente, Nosso Senhor sofreu desde o primeiro instante de Sua vida terrestre. Derramou lágrimas, sentiu frio, fadigas, terrores, o desprezo e a perseguição dos homens, e todos os tristes resultados da pobreza e do silêncio a que voluntariamente se condenou. Nasceu fora dos muros de uma cidade, súdito de um imperador romano; ainda menino, teve necessidade do exílio para escapar ao furor de um déspota; os elementos, que Ele próprio tinha criado, o sol, o vento, a chuva, molestaram o Seu corpo infantil; a Sua infância reuniu todas as condições da pobreza, e o pleno uso de Sua razão, a plena ciência de Sua alma, sem dúvida Lhe tornaram penitências cruéis todas as fraquezas que em nós são o resultado do pecado, mas nEle eram os mistérios da Encarnação.

A vista interior que Ele tinha dos pecados de todos os homens; de suas perfídias e ingratidões; das vicissitudes de Sua Igreja; dos combates improfícuos do Amor Divino pela salvação de tantas almas que recusaram, que recusam e que hão de recusar tantos testemunhos da Sua misericórdia, aumentavam sem dúvida, esses sofrimentos exteriores da santa infância.

Onde, portanto, ver a alegria numa existência tão atribulada e na qual ainda mesmo os sofrimentos futuros não eram simples profecias, eram já uma paixão substancial?!

Pois a alegria está ali, a maior das alegrias que tenha feito na terra palpitando um coração.

A todos os instantes, desde o Presépio ao Calvário, durante mesmo o abandono na Cruz, e não obstante todos os sofrimentos da Paixão, Jesus Cristo era bem-aventurado, era perfeitamente feliz, Sua alma palpitava de alegria.

Parece-nos impossível no coração de Jesus Cristo a harmonia de uma tão grande alegria com uma tão grande dor; mas isso somente porque não compreendemos as operações das duas naturezas - divina e humana - numa só pessoa, nem compreendemos a dupla vida de viajante e compreensor que a alma de Jesus levava na terra.

Mas a razão esclarecida pela teologia nos diz que a alegria em Jesus Cristo não foi menos real que a dor.

A dor teve uma revelação exterior - a Paixão; e por isso vemos-na melhor.

Como, porém, poderemos compreender a vida de Jesus Cristo sem a alegria?

Ele era na terra o próprio Verbo revestido da nossa natureza; era o próprio Deus, e não podemos compreendê-Lo senão como uma imensa alegria.

Deus é a bem-aventurança, a perfeição, a felicidade, a alegria; e o Verbo de Deus não é senão a infinita alegria do Pai substancial e perfeitamente reproduzida no Filho, unidos ambos por um amor substancial, que não é também senão um coninfinito de alegria.

Mas, se Deus é alegria, tudo que procede de Deus não pode ser senão a alegria.

A criação foi a primeira efusão da alegria; a redenção a segunda, porque a redenção não se fez senão para que o mundo reassumisse o seu destino primitivo.

Sendo o Verbo o próprio Deus e sendo Deus uma infinita alegria, esta alegria que se comunica a todas as Suas obras comunica-se também à Sua humanidade santa.

Que inefáveis alegrias as do Verbo encarnado!

Alegria da perfeição da Sua humanidade; do pleno uso da Sua razão; da perfeita ciência da Sua alma; da Sua soberania e realeza sobre a criação; da completa visão que Ele tem de Deus; da perfeita adoração que Lhe presta; do Seu amor pela Mãe Imaculada que Ele próprio criou; pelos homens Seus irmãos, que veio resgatar; pela Igreja, Sua noiva, que veio esposar; pela própria Cruz, que, desde o primeiro instante da Sua vida terrestre, plantava com gozo inefável no centro do Seu coração, como o símbolo da Sua vitória e o emblema da redenção!

O Criador no seio da Sua criação! Um homem perfeito compreendendo todas as leis do mundo físico, todos os mistérios do mundo moral!

Uma alma humana tendo a visão de todos os enigmas do universo; de todas as vicissitudes da humanidade! Nada Lhe sendo desconhecido no passado, no presente, no futuro!

Ele vê todos os séculos futuros; vê o combate improficuo de todas as civilizações contra a Sua Cruz; vê o desenvolvimento sucessivo e completo da Sua obra, as Suas vicissitudes, os seus triunfos; vê em toda a série de idades os Seus milhões de adoradores; os milhões de súditos de Sua Mãe; vê a vitória decisiva e final da Sua Igreja; vê, enfim, glorificada a nova humanidade, de que Ele foi o Salvador!

Que alegrias inefáveis! Que júbilo infinito!

Por isso é feliz nas Suas próprias dores; por isso Ele encontra a alegria na própria presciência de Sua Paixão; por isso, ávido, como Ele próprio o dizia, pelo batismo de sangue, na Agonia do Jardim, antecipa o Seu sacrificio e na Cruz do Calvário sacia a sede do Seu amor!

Vede: a Cruz, que aos olhos do século parece não ser mais que um símbolo de tristeza, é, entretanto, a obra prima da alegria; e, portanto, a maior das felicidades humanas é essa loucura de que nos fala São Paulo.

O século sempre entendeu esta loucura erradamente, servindo-se dela para zombar da fé, caluniar o cristão e apresentá-lo como o refugo da natureza humana, cuja ciência consiste em bestializar a inteligência, obliterar o sentimento e atrofiar o coração.

Nunca foi esta a doutrina da Igreja, que, bem longe de assim entendê-lo, quando, no século 17, homens saídos de seu seio, mal interpretando as palavras do Apóstolo, fizeram uma guerra encarniçada à ordem natural, à razão humana, ao desenvolvimento

da inteligência e às necessidades legítimas do coração, condenou essa doutrina - o Jansenismo - e reprovou a sua moral.

A loucura da Cruz, como a entende a Igreja, não é, pois, a mutilação do homem; não é a renúncia de seus sentimentos, nem do que eleva o seu espírito, dilata o seu coração e alegra a sua vida.

A doutrina da Igreja, é que a Graça não destrói a natureza: purifica-a, aperfeiçoa-a.

Santo Agostinho dizia que a Encarnação não é senão um vasto sistema higiênico e curativo para a natureza humana; e, se bem compreenderdes este pensamento do egrégio doutor da Igreja, vós tereis a justa idéia do que seja a loucura da Cruz.

Nas práticas da vida cristã, nas humilhações do homem que quer purificar-se, há uma espécie de loucura; mas loucura somente para os instintos depravados da natureza corrompida. Como em todo remédio há uma parte por assim dizer ignóbil, vil, desprezível, repugnante à natureza; há também isso no aparelho curativo da Igreja.

O homem é também doente do espírito e do coração; e os remédios de que precisa esta sua enfermidade são como os do corpo, duros, amargos, repugnantes à vaidade e ao orgulho.

É uma loucura humilhar-se, abater-se pedir perdão das ofensas, amar os inimigos?! Pois é a loucura da Cruz!

É uma loucura ser casto, renunciar aos gozos animais, rivalizar com os anjos?! Pois é a loucura da Cruz!

É uma loucura repudiar a avareza a ambição da glória, o furor do bem-estar?! Pois é a loucura da Cruz!

Reparai, porém: esta loucura é um verdadeiro remédio, porque nos despoja do velho homem, restaura as partes nobres da nossa natureza, que só se purifica e regenera pela crucificação, isto é, pelo aniquilamento de suas partes más.

E não foi essa loucura que regenerou o mundo, quando, num momento solene da história, para libertá-lo da gangrena romana, foi preciso lavá-lo no sangue das virgens, dos confessores, dos mártires?!

E, hoje, que falta ao nosso século? É justamente a loucura da Cruz!

Porque o homem moderno é tão vaidoso, tão cheio de ambições, tão sensual, tão rebelde? Porque não ama a Cruz de Jesus Cristo e zomba do cristão que procura reproduzi-la em si? Porque na política a impostura, a mentira, a perfídia? Na ciência - o orgulho, na literatura - a luxúria, nas artes - a prostituição do belo, o repúdio de todas as formas nobres da imaginação? Porque o estadista, o sábio, o filósofo, o poeta e o artista não conseguem fazer feliz a humanidade moderna?

Percorrei o mundo inteiro, batei a todas as portas; perguntai aos homens, nos palácios ou nas choupanas, se eles são felizes; e um gemido doloroso saído de todos os corações vos responderá: não, não somos felizes.

Mas porque o homem moderno, no meio de tantos esplendores da civilização material, é verdadeiramente desgraçado? Porque ele não ama a Cruz de Jesus Cristo.

Vós, homem moderno, podeis pretender todas as glórias: a de terdes surpreendido, com um pedaço de vidro, o infinitamente pequeno nas profundezas da terra, o infinitamente grande nas profundezas do céu; a de terdes dado aos vossos olhos o prodigioso óptico poder de verem no solo o arbusto crescer, a verem no espaço o astro girar; a de terdes reunido nas vossas exposições universais as riquezas espalhadas pelo globo; a de terdes consorciado nos vossos museus as faunas e as floras do mundo inteiro; a de terdes pelejado com os seus ventos e tempestades, medido mesmo a profundidade dos seus oceanos.

Há uma glória, porém, que vós não podeis reclamar: a de terdes medido a inanidade dos vossos prazeres, domado os ímpetos do vosso orgulho, medido a profundidade incomensurável da vaidade universal, que não deixa ver na Cruz de Jesus Cristo a salvação do mundo, e na loucura da Cruz - a sabedoria verdadeira!

2.- A AGONIA NO JARDIM

Torrentes iniquitatis conturbaverunt me.

As iniquidades do mundo inteiro, como rios transbordados, precipitaram-se no mar do Meu coração.

O ideal do Amor, enfim, contente, repleto de venturas, satisfeito, eis a Agonia no Jardim: o primeiro, o maior e o mais misterioso dos episódios da Paixão.

O primeiro, porque na ordem do tempo, de modo exterior e visível, ele a começa; o maior, porque ele reitera todas as imolações do Homem-Deus, desde o primeiro vagido do Presépio até ao derradeiro gemido do Calvário; o mais misterioso, não só porque ele antecipa todos os sofrimentos corporais da vítima, mas também porque, onde os olhos da carne não vêem mais que uma luta, um combate, uma agonia, os olhos iluminados da fé contemplam a suprema ventura do Amor.

Eu vos disse anteriormente que, obra de Deus, a Cruz é a obra prima da alegria.

Obra de Deus neste sentido: conquanto os opróbrios, as ignomínias, os sofrimentos todos de Jesus Cristo fossem resultado da perversidade judaica, verdadeiros pecados do povo deicida, o Filho de Deus *ab-oeterno* aceitou-os, *ab-oeterno* resolveu tirar da iniquidade a Sua glória, convertendo em instrumentos de Seu triunfo as humilhações da Sua Paixão.

Foi voluntariamente que Jesus Cristo Se sacrificou: *oblatus est quia ipse voluit.*

Sob este ponto de vista, portanto, a Cruz é obra de Deus, e obra prima da Alegria, porque Deus é uma imensa alegria, que se comunica a todas as Suas criações, e, pois comunicou-Se também à humanidade santa do Verbo, perfeitamente feliz e bem-aventurado em todos os instantes da Sua existência terrestre.

A Agonia no Jardim não foi por isso, apesar de todos os sofrimentos, menor que a suprema ventura do Amor.

O Amor! Ele é a seiva do universo; a energia atrativa de toda a criação; circula no ramo, vive na flor, no pássaro, no inseto; produz e perpetua a vida.

Diz um antigo hino grego: “O Eterno disse ao Amor: que tudo se organize; e tudo se organizou!”

Se no mundo físico o amor é o pólo da criação; no mundo moral é a alma do gozo, a vida da alegria. Sem dúvida, na sua verdade e pureza, o amor é raro, como é raro o gênio, raro o heroísmo, rara a formosura, raro tudo que se aproxima da perfeição. Ainda assim, na vida ele é para nós o tipo supremo da felicidade.

Falando do espírito das trevas, dizia a maior contemplativa do nosso tempo, Teresa de Jesus: “desgraçado! ele não ama!” Eis como que o sinete da desgraça: - não amar.

Não há no céu, nem na terra, diz o livro da Imitação, coisa mais doce, mais forte, mais sublime, mais ampla, mais deliciosa, mais completa nem melhor que o Amor.

Esse amor de que nos fala o sublime poema monástico nasceu de Deus e não pode, como o mesmo poema acrescenta, descansar senão em Deus, elevando-se acima de todas as criaturas.

Não obstante, quaisquer que sejam as vicissitudes e imperfeições da humanidade, são muitas na terra as venturas do amor satisfeito: impossível seria o enumerá-las.

Vede: gozar, possuir uma alma, mesmo na ordem da natureza; mas é sublime! O que será possuí-la na ordem sacramental, divina?! Perguntai-o a ardente felicidade do coração juvenil, recebendo junto ao altar, das próprias mãos de Deus, um coração que para todo o sempre se engasta no seu!

Apertar em seus braços, revestido de sua carne, palpitante de seu sangue, o primeiro fruto de suas entranhas: que ventura! Perguntai-o a mãe fascinada pelos encantos do seu recém-nascido.

Imortalizar na ciência, na arte, na poesia ou na religião – uma idéia que aprendeu a verdade, um pensamento que atingiu o belo, uma inspiração que traduziu o amor, uma palavra que revelou Deus: que inefável ventura! Perguntai-o ao sábio, ao artista, ao poeta, ao apóstolo. Libertar uma raça, regenerar um povo, reconstruir uma pátria: que ventura tão grande! Perguntai-o ao filósofo, ao estadista, ao guerreiro.

Pois bem: a alegria de todas as almas humanas, o prazer de todos os corações satisfeitos, a delícia de todos os amores: amor maternal, amor conjugal, amor fraternal, amor da pátria ou da humanidade; todas as venturas do gozo mais requintado: - o das lágrimas

que os Santos derramaram nos seus delíquios, o da pureza que as virgens sentiram no seu corpo imaculado, o do sangue que os mártires derramaram em testemunho da verdade, - todas as venturas do coração humano reunidas são infinitamente menores que a ventura de Nosso Senhor na Agonia do Jardim.

É aqui, na verdade, que Ele exteriormente, com inflamada caridade e intrépido valor, dá começo à Sua Paixão. É aqui que a parte inferior da Sua natureza parece inválida por indizível tristeza; e os açoites, os opróbrios, as bofetadas, as zombarias, as blasfêmias, a morte de Cruz – tudo isso que Lhe iam dar os Judeus com tanta vivacidade o penetra que Ele já suporta todos esses males, e geme, e treme, e perde as cores e as forças, e como que se Lhes esgota a vida.

Ei-IO prostrado, com a face em terra, em agonia!

Trinta e três anos passaram sobre a Sua cabeça. É agora um homem em toda a força da idade.

Muitas vezes mostrou-Se fatigado. Fatigado quando, junto ao poço de Jacob, pedia à Samaritana um pouco dessa água, que Ele próprio criou.

Fatigado quando, nos dias do Seu penoso ministério público, refugiava-Se entre os rochedos.

Nunca, porém, tão fatigado como agora em que uma santa impaciência O domina: a de não poder esperar algumas horas o Seu desejado sacrifício.

Dentro de poucas horas, Ele será batido, flagelado, coberto de ignomínias, crucificado; o Seu sangue será derramado como água.

Ele, portanto, crucifica-Se a Si próprio, num martírio mais misterioso que o do Calvário. Antecipa a Sua Paixão. Reveste-Se de todos os pecados tão numerosos, variados e enormes de todos os homens. Cobre-Se deste medonho vestuário que O inflama e queima como uma túnica de fogo.

Treme, todo penetrado do mais horrível dos terrores.

Todos os crimes do espírito; todos os crimes do coração; todos os crimes dos sentidos; todas as loucuras do mundo; todas as orgias da humanidade; o orgulho de todas as inteligências; a luxúria de todas as imaginações; todas as aberrações da ciência; todas as profanações da arte; todos os adultérios da poesia; todos os sacrilégios de todas as religiões, a ambição dos despostas; a tirania dos governos; os atentados da política; as iniquidades da justiça; os abusos da filosofia; as violações da Moral; todos os escândalos do mundo; as abominações de Sodoma e Gomorra; as prostituições de Babilônia; as bachanais da Grécia; a ambição, a loucura, as crueldades de Roma; a idolatria de todos os povos pagãos; as perversidades da nação judaica; as iniquidades de todos os povos modernos; as perfídias de todas as monarquias; as mentiras de todas as repúblicas; a hipocrisia das democracias; as imposturas da liberdade – todo este peso enorme oprime a cabeça de Jesus Cristo na Agonia do Jardim, enche de confusão a Sua alma e de amarguras o Seu coração!

É assim, desfigurado, que a Justiça Eterna O contempla, como Holocausto vivo que se Lhe oferece pelos crimes de todas as pátrias, também da nossa: - de todos os pecados privados de públicos do Brasil, das iniquidades de seus magistrados, do ateísmo político de seus estadistas, das apostasias de seus governos, do paganismo das suas escolas, da irreligião prática de seus lares, da impiedade dos seus parlamentares, do ceticismo de seus jornais, da ignorância religiosa dos seus mestres, da apatia e dos sacrilégios dos seus padres, do seu repúdio oficial da fé católica; de todas as loucuras do espírito revolucionário que invadiu as plagas de Santa Cruz e não deixou entre a monarquia e a república solução de continuidade!...

Onde, me perguntareis agora, numa agonia tão grande que não há, para exprimi-la, nas línguas humanas, termos nem frases; onde ver a ventura de Jesus Cristo?! Por todos os poros de Sua carne desfiam gotas de sangue que inundam a Sua fronte, banham as Suas faces, molham os Seus cabelos, cobrem os Seus olhos, enchem a Sua boca, maculam as Suas barbas, tingem o Seu vestuário, e avermelham mesmo as oliveiras do Jardim!

Que agonia dolorosa e profunda!
Que sofrimento inaudito!

Pois bem: onde os olhos da carne vêem a fraqueza, os olhos da razão, iluminada pela fé, vêem a força. Esta luta, diz S. Ambrósio, não é a luta de Jesus Cristo no temor da Sua Paixão; mas no desejo inflamado de no-la aplicar. É a luta entre dois atributos de Sua própria natureza divina: a justiça e a misericórdia. A Justiça, que representa o Pai, parece dizer inflexível a Jesus Cristo: “Separa a tua causa da dos pecadores; deixa-Me derramar a Minha cólera sobre a posteridade proscrita de um pai culpado”. Mas a Misericórdia, que representa o Filho, parece responder ao Pai: “Não, nunca! Eu não deixarei de combater, de sofrer, de chorar até que os pecadores sejam postos no Meu lugar, sejam perdoados em Mim. Eu aceito sobre os Meus ombros o peso das suas faltas; Eu incorporo-os todos; Eu me revisto do opróbrio de todos os pecados; Eia, corram todos eles; entrem como torrentes transbordadas, no mar do Meu coração. Como todos os rios se precipitam no mar, as iniquidades no mundo inteiro precipitem-se sobre a Minha alma; e, assim como o mar absorve todas as águas, que o Meu coração afogue todos os pecados.”

E a justiça emudece! A misericórdia triunfa! Oh! suprema ventura do Amor.
Era isto o que Ele desejava desde o presépio.

A Sua agonia não é, portanto, dizem os padres da Igreja, uma luta entre o espírito e a carne, entre a vontade divina e a vontade humana. Não é uma repugnância pelo sofrimento: é uma santa impaciência do amor.

Qual de vós se pudésseis, para verdes a pessoa que amais, não transformareis em olhos todos os membros de vosso corpo?!

Dois olhos também não bastaram a Jesus Cristo, diz um ilustre doutor, para chorar a desventura possível dos que Ele ama: transformou em olhos todos os poros do Seu corpo, pelos quais, transformadas em sangue, correram as Suas lágrimas!

Mas, se é assim que Jesus Cristo nos ama, ao ponto de se revestir dos nossos pecados, como Seus próprios; sofrer as humilhações deles; experimentar o desgosto e o terror que

eles inspiram e a contrição correspondente à sua enormidade; que loucura não é a nossa se desprezamos tamanho amor?!

Ele tomou a responsabilidade da pena; mas não a malícia da falta.

Tomou a superfície, a aparência, mas não a natureza, a substância do pecado, que não perverteu a Sua vontade, nem maculou a Sua inocência.

É preciso, portanto, que nos associemos às Suas lágrimas e às Suas dores; que demos a nossa o suplemento da Sua contrição.

Se a simples aparência do pecado tornou-Lhe tão severa a justiça do Pai, que severidade não merece em nós a realidade do pecado?!

Se, portanto, desde mistério não tiramos como ensino o ódio do pecado, e o desejo de repará-lo pelos méritos de Jesus Cristo, de nenhum proveito nos pode ser a Sua mediação.

Esta foi a mais heróica que o Amor nos podia dar. Para resgatar o mundo, Deus não precisava derramar o Seu sangue; podia fazê-lo por uma infinidade de meios que não alcança a nossa imaginação. Entretanto, a efusão de Seu sangue pareceu-Lhe o meio mais condigno da Misericórdia, e o mais capaz também de enternecer os nossos corações. Ainda mais: uma vez decretado que a redenção se fizesse pelo sangue, uma gota, sem dúvida, do sangue divino bastava, pelo seu mérito infinito, para remir este e todos os mundos possíveis. Que digo eu?! Uma gota de sangue?! Bastava uma lágrima, um suspiro, um gemido, uma simples súplica de Jesus Cristo. Entretanto, derrama-o com prodigalidade, em diversas e abundantes efusões: na Circuncisão, que foi como que a impaciência do precioso Sangue; na Agonia, que foi a antecipação da Paixão; na Flagelação, que foi o sangue de Deus dado em espetáculo à cidade e ao povo; na Coroação de espinhos, que foi o tributo pago pela cabeça divina aos pensamentos inefáveis da salvação; no Caminho do Calvário, que foi os esposais do Precioso Sangue com a Cruz; no Calvário, que foi o Seu consorcio; na abertura do Sagrado Coração, que foi o testemunho póstumo do amor de Jesus Cristo, derramando Seu sangue ainda depois de morto

Ora, como diz brilhante teólogo, não há superfluidade, nem ornamentos vãos nas obras de Deus. Se Ele, portanto, derramou o Seu sangue com tanta prodigalidade, é que a nossa condição o exigia, e neste sentido o Precioso Sangue, tão necessário à onipotência divina para salvar o mundo, o era, entretanto, a Sua misericórdia, e a nossa miséria, tão enorme que foi preciso o Precioso Sangue, como um oceano transbordado, alagasse o mundo e viesse até as nossas almas por esses sagrados canais que se chamam os sacramentos: o Batismo, que não é senão o precioso Sangue dando a uma gota d'água o poder de operar uma revolução espiritual maior que todas as criações do mundo material; a Penitência, que não é senão a aplicação autêntica do Precioso Sangue sobre a cabeça do pecador arrependido; o Matrimônio, que não é senão a figura do casamento do precioso Sangue com a Igreja; a Confirmação, que não é senão o vigor do precioso Sangue comunicado pelo Espírito Santo; a Extrema-Unção, que não é senão o Precioso Sangue dando ao óleo o poder de fortificar o moribundo; a Ordem, que não é senão o coração terrestre, o vaso que guarda o precioso sangue; a Eucaristia, que não é senão a

ubiquidade do Precioso Sangue, multiplicado em milhares de hóstias e milhares de cálices!

E que seria o mundo sem o sangue de Jesus Cristo?

O mundo seria insuportável, a vida sem esperança, as desgraças sem consolação.

Quaisquer que sejam as pretensões da ciência; qualquer que seja a presunção do espírito moderno; é o sangue de Jesus Cristo que detém suspensa sobre o mundo a cólera divina; que permite ainda a humanidade, no meio de tantos erros, calamidades e tristezas, algumas felicidades no seu exílio.

Vinde; vinde vós todos, espíritos modernos, inchados da vossa filantropia, que pretendeis dar aos homens testemunhos ainda não vistos de fraternidade, sempre prometida, nunca realizada pelas vossas ciências, pelas vossas filosofias, pelas vossas políticas; vinde ver, vinde aprender na Agonia do Jardim como se ama a humanidade.

E vós também, falsos profetas, Messias impostores do século 19, que prometeis aos povos novas religiões, e os quereis convencer de que eles devem esperar maiores e melhores provas de amor de Deus; vinde ver na Agonia do Jardim se o amor de Jesus Cristo pode ser excedido!

Vinde vós todos, também, espíritos modernos, que na tragédia, no drama, no romance, na música, na pintura ou escultura, tendes alimentado a ardente ambição de ver realizado na terra o ideal do Amor; vinde – vinde vê-lo realizado na Agonia do Jardim!

Tudo o que a imaginação pode conceber; tudo o que o coração pode desejar; tudo o que a alma humana pode sonhar – ei-lo realizado!

Todas as ciências, todas as literaturas, todas as artes não podem traduzir um ideal igual.

A Agonia no Jardim é a última palavra do amor.

É o sacrifício completo, não imposto por uma força exterior, pelas prevaricações da justiça, pela crueldade dos judeus, pela brutalidade dos carrascos, mas pela própria vontade da vítima.

É a vítima sacrificada pelo gládio inflamado do Seu próprio amor.

Jesus Cristo tinha dito que o Seu sacrifício seria voluntário: *voluntarie sacrificabo tibi*.

Pois bem; o que no Calvário, diz um padre, poderia parecer resultado de vontade exterior, no Jardim mostra-se como o resultado da própria vontade de Jesus Cristo.

Ali, nem tormentos, nem golpes, nem feridas.

A traição de Judas, a injustiça de Pilatos, a crueldade dos carrascos não têm parte no sacrifício. Nenhum delito desonra tão grande sacramento; nenhuma infâmia macula uma oferenda tão pura; nenhuma boca escarnece tão divina imolação.

O amor é a Sua própria vítima, o Seu próprio altar, o Seu próprio pontífice.

E o sacrifício de Jesus Cristo é completo; porque Sua vontade é o instrumento que Lhe abre as veias, Sua santidade é o altar onde corre o sangue, e o amor é o pontífice que O oferece ao Pai!

3.- A FLAGELAÇÃO

Livore ejus sanati sumus

As Suas feridas são os nossos remédios.

Jesus flagelado! Para o século uma vergonha, um opróbrio, uma ignomínia. Para a razão iluminada pela fé, a glorificação da matéria, a apoteose da castidade feita pelos próprios verdugos a quem Deus encarregou a inconsciente missão de nos membros flagelados de Jesus Cristo gravarem em inapagáveis caracteres de sangue a honra do corpo, a dignidade da carne!

A Flagelação é, sem dúvida, um dos mais horrorosos e o mais humilhante de todos os episódios da Paixão, porque aos sofrimentos indizíveis da vítima juntaram-se os opróbrios de Seu pudor ofendido!

Ao julgamento de Nosso Senhor não precederam as solenidades de um tribunal. Ele foi entregue aos mais vis satélites da justiça criminal, que não Lhe dispensou sequer o aparato judiciário de uma execução.

Os instrumentos de Seu martírio eram horríveis; a forma e a variedade dignas da crueldade de Seus carrascos, que com os olhos cheios de ameaças, os lábios cerrados, e os braços armados, fazem-nO experimentar toda a força muscular e brutal de que são capazes.

Repugna-nos contemplar esta cena tão hedionda e infame; e, entretanto, o mistério da Flagelação é cheio de encantos. Como o da Agonia, a efusão de sangue na coluna não era ainda a destinada nos desígnios de Deus a resgatar o mundo, que devia sê-lo pela efusão do Calvário.

Era, portanto, mais uma magnificência, uma prodigalidade, uma exuberância do amor de Jesus Cristo, que tinha, entretanto, dado em espetáculo a cidade e ao povo desígnio especial.

A humilhação tem lugar, e do modo mais completo; mas não sem que Jesus Cristo a faça proceder de uma prova inequívoca da voluntariedade com que a aceita, e da onipotência com que a podia impedir.

Quando infame tropa de soldados O vai prender, antes que se aproximem, Ele sai-lhes ao encontro. Eles aparecem, de mão armada, com Judas, que os conduz; e não O conhecem! É preciso que Jesus Cristo lhes diga: “sou eu Aquele que procurais!” E só com dizer: “Eu sou” eles caem por terra.

Beija o discípulo traidor; sara a orelha de Malcos; incita os miseráveis satélites da justiça romana a cumprirem a sua missão; só então eles têm a coragem de fazê-lo. Estava mais uma vez revelada a Sua onipotência; agora era mister uma nova revelação do Seu amor.

Deixa prender-Se para que executem nEle todas as crueldades. Tratam-nO brutalmente; dão-Lhe empurrões e pancadas; atam-Lhe as mãos; levam-nO aos juízes; esbofeteiam-nO; vestem-nO de branco como a louco; atam-nO, enfim, a uma coluna, e mandam açoitá-IO!

Ei-IO na coluna! Os verdugos descarregam sobre Ele com toda desumanidade os seus azorragues; todos os Seus membros são horrorosamente flagelados; cada um dos Seus sentidos sofre especial tormento; o sangue cobre toda a superfície de Seu corpo e alaga o chão.

Que significado pode ter este mistério, como ensino e exemplo proveitoso à nossa salvação?

Pois a carne de Jesus Cristo não é pura, imaculada, santa? Perfeitamente submetida ao espírito? Pois o corpo de Jesus Cristo não é perfeito instrumento da Sua alma, exatamente como Deus o imaginou?

Sim; mas a nossa carne é uma carne de pecado, impura, desregrada, rebelde ao espírito, corrompida e fonte de toda a corrupção. É dessa carne que derivam todas as obras que São Paulo chama – obras carnis, e pelas quais devia o nosso corpo ser castigado, afligido, flagelado.

Que fez o nosso Redentor? Colocou-Se na situação em que devíamos estar; pôs em lugar da nossa a Sua carne imaculada; revestiu-Se de todas as nossas sensualidades, luxúrias, impurezas, imaginações torpes, complacências, impurezas, lascivas, de todos os nossos desejos impudicos.

Na Agonia do Jardim vimo-IO revestido de todas as iniquidades de todos os povos, em todos os gêneros de pecado. Hoje, na Flagelação, vemo-IO como que de um modo especial revestido dos pecados da sensualidade, vingando a honra de nosso corpo, firmando a dignidade de nossa carne.

Eis a grande significação do mistério que, pois, não é senão uma substituição.

É a carne inocente de Jesus Cristo pagando os pecados da nossa carne culpada. E basta que por uma sincera penitência apliquemos a nós próprios os méritos dessa expiação, para que satisfaçamos a Justiça Divina, que em Jesus Cristo viu a responsabilidade da pena, mas não a malícia da falta; pelo que os sofrimentos de Jesus Cristo não nos eximem da penitência, mas dão aos nossos atos de mortificação valor infinito.

Eis o ensino, a lição e o exemplo que convinhão a todos os tempos; mas se há um século em que o mistério de Flagelação tenha alta significação, é o nosso, em que devemos estudá-lo, meditá-lo e admirá-lo, não simplesmente de um modo estético, como fonte de ternura, compaixão e lágrimas para o nosso coração; não lamentá-lo simplesmente como um atentado inaudito da justiça romana, uma prevaricação

descomunal do Direito, um excesso brutal da crueldade judaica; mas adorá-lo como um mistério de salvação.

Foi porque Ele viu, em toda a série dos séculos, as misérias da nossa concupiscência, que deixou correr para nós, como uma fonte de vida, o sangue de Sua Flagelação; e é para que nos aproveitemos dela que o Evangelho para todo o sempre imortalizou o mistério e a Igreja perpetuamente no-lo mostra reproduzido.

Se em todas as épocas a humanidade, tão inclinada pela prevaricação adâmica aos furores da impureza e as orgias da concupiscência, teve necessidade desse remédio, hoje, mais do que nunca.

Uma das principais características do século 19 é – o pecado da carne. Uma de suas mais caluniosas acusações contra o cristianismo é a de ter atrofiado as aberrações místicas da alma as legítimas necessidades da sua natureza física.

“É tempo, diz o século 19, do homem ser adorado, não só na alma, mas também no corpo. É tempo de cessar esse longo divórcio entre a alma e os sentidos. Que quer dizer essa moral de sacristia só própria para os hipócritas, os tartufos e os imbecis?!

Que quer dizer disciplinar a carne, reprimir as paixões, imolar o corpo?! Que valor tem a castidade, a virgindade, o celibato, a abstinência e o jejum?! Tudo isso não passa de violação desta grande lei – tudo é bom na natureza.

Tudo é bom na natureza! Portanto, satisfaçamos todas as paixões, libertemos o corpo dessa longa escravidão, desse jejum de tantos séculos! Portanto, inauguremos a era do amor livre! Gozar é a lei: aspiremos, portanto, a vida por todos os poros.

Inventem-se, se é possível, novos prazeres, novos gozos, novas volúpias. O corpo tem direito de satisfazer os seus apetites. Desenvolver a sensação é obra tão santa como enriquecer o pensamento; e o homem que descobrisse uma volúpia nova, um gozo desconhecido, um novo gênero de luxúria – seria mais glorioso do que Newton descobrindo mundos no espaço!

Eia, liberte-se a humanidade; desoprima-se o corpo do homem das superstições cegas, dos ascetismos extravagantes, das mortificações insensatas, de toda essa escravidão com que a Igreja há longos séculos o traz cativo.

Transfigure-se o mundo; proclamemos um novo catolicismo – o catolicismo da carne; celebremos uma nova Páscoa – a páscoa do gozo universal.”

Eis o hino que o século 19 põe nos lábios deste novo gigante que se chama – o homem moderno.

Gigante sim, dizia-o tristemente uma das maiores figuras científicas do nosso tempo, Moigno, quando, contemplando os esplendores da moderna civilização, que, aliás, ele tanto tinha impulsionado com as obras primas de seu engenho, exclamava: mas tudo isto não tem elevado o ideal da inteligência; antes tem servido para exclusivo conforto do corpo e para encher de orgulho a besta humana, que se reputa um gigante, e já não olha para o céu!

Gigantes! Mas já os houve, e a história deles pode-se tornar as nossa.

Acharam belas as filhas da terra; um amor louco depravou os seus corações; a sua razão obscureceu-se; e o espírito deles identificou-se com a carne!

Sempre; sempre que o gênio do homem concentra toda a sua atividade na matéria, torna-se um gigante; mas também na embriaguez do seu triunfo julga-se Deus.

E começa uma reação medonha: a matéria absorve, escraviza, subjuga a alma; e, embrutecido o homem, o espírito perde os seus vãos, a ciência extingue-se, a indústria morre, a barbaria recomeça!

Seriam pueris os temores de Moigno?

Não; o que vemos em nosso século os justifica. Um imenso desequilíbrio entre a alma escravizada e o corpo na plena soberania das suas paixões não deixa duvidar que já estamos no pleno reinado do pecado da carne.

Expressões deste pecado – a política, a literatura, a arte. Que é a política moderna senão a arte de animalizar as nações, proporcionando-lhes a maior soma de gozos animais?!

Qual a ambição exclusiva dos governos?

Aumentar a indústria! Qual a sua preocupação constante? O bem estar, o conforto, o cuidado exclusivo da vida material.

Qual o seu ideal moral e religioso? Nenhum! Deus foi completamente banido da política.

Que é a arte moderna? O requinte da volúpia nas variadas produções da música, da pintura, da escultura. Nos próprios lares já os ídolos pagãos substituem os símbolos cristãos. As grandes composições já não podem rivalizar com as imundas partituras e óperas concebidas para inflamar as paixões sensuais.

Os quadros e as gravuras quase que não têm outro fim senão escandalizar o pudor do homem e a moral pública.

Que é a literatura moderna? O realismo, isto é, a mais torpe de todas as expressões literárias da luxúria; tão torpe e vergonhosa para a história da humanidade que dele diz o ilustre historiador que acaba de baixar ao túmulo, Cantú: - o realismo é verdadeiramente uma orgia literária, em que a literatura perdeu de vista a consciência de suas aberrações, dando a liberdade da inspiração pessoal as mais extraordinárias fantasias, os mais incompreensíveis desmandos. Perdido o hábito da serenidade da arte, do nobre esmero do pensamento, da escolha das coisas levantadas, as extravagâncias julgam-se originalidades, e os desregramentos vãos de gênio. Procura-se o horrível, o extraordinário. Não se faz psicologia; mas patologia. O que é simples e delicado parece insípido. Pululam como cogumelos, as obras literárias que descrevem o mundo como um hospital e um lupanar.

Fazem-se descrições sem naturalidade; pintam-se caracteres excepcionais; urdem-se planos sem elevações nem engenho; favorece-se com lubricidades e escândalos o pendor do homem para as baixezas; lisonjeiam-se seus maus instintos; deprime-se a mulher na sua dignidade e no seu pudor; enfim, glorifica-se o pecado da carne!

Eis a literatura realista, da qual diz também Julio Simon: é um veneno que se infiltra cada dia em milhões de almas. É uma escola de grosseria, uma literatura depravada, artificial, falsa, porque para que a imaginação nos amenize a vida é mister que nos mostre o seu lado bom; e o pintor que não nos mostra senão as verrugas do seu modelo faz uma caricatura, mas não um retrato. O erro da moderna literatura é não mostrar da natureza humana senão o lado feio; é não descrever nunca o homem são, mas só o doente.

Era a mesma ponderação de Cantú: O real é o modelo do artista; mas a realidade no mundo social não é só o mal. Há tanta falta de verdade no romantismo, que só descrevia nos campos flores e nunca urzes, nas almas heroísmos e nunca baixezas; como no realismo, que nunca vê, através das nuvens, o sol no céu! O romantismo era uma mentira; o realismo é uma calúnia. Aliás, a arte não é obrigada a aceitar para as suas criações todas as realidades; porque muitas há que postergam o pudor e a moralidade, e devem por isso ser excluídas do seu domínio. À arte cumpre educar, melhorar, não somente copiar, e menos caluniar: o que faz desconhecendo a virtude, a abnegação, os triunfos da alma sobre as paixões, coisas ainda reais na vida, porque o mal, posto tenha um lugar vastíssimo no mundo, não o absorve.

Eis verdades puras, mas desconhecidas do nosso século, que, dominado pelo pecado da carne, acusa a Igreja de afligi-la no homem com os preceitos da castidade, virgindade, celibato, abstinência e jejum; desconhecendo que esses preceitos não são mais do que uma justa expressão do respeito que devemos professar pelo nosso corpo.

Quem já o glorificou mais do que a Igreja?

Quem mais do que ela compreende a sua nobreza e dignidade? Ouvi a sua doutrina. Devemos respeitar o nosso corpo; e o seu primeiro título ao nosso respeito é ter sido feito pelas mãos de Deus; o segundo é ter sido feito pelo modelo do Verbo encarnado; o terceiro é ser o tabernáculo da alma.

Todas as criaturas saíram do nada, a uma palavra de Deus; o corpo, porém, foi feito pelo próprio Deus, que transfigurou em carne o barro primitivo; e, quantas vezes o modelava, tantas tinha diante dos olhos a carne do Adão futuro – Jesus Cristo.

Se vós, perguntava Tertuliano, que não sois tão hábeis como Deus, sabeis engastar as pedras preciosas da Índia e da Sitia, os rubins do Mar Vermelho, não no bronze, na prata, no ferro, mas no ouro mais trabalhado: se sabeis escolher para os vinhos e perfumes delicados vasos apropriados, Deus havia de escolher para a alma humana, feita à Sua imagem e semelhança, um tabernáculo menos digno?!

Não! Escolheu o corpo; e de tal modo o associou à alma, que ele é mais do que servo, é verdadeiro cooperador da alma e até mesmo seu co-herdeiro nos bens do tempo e da eternidade.

Vede: para que a alma seja batizada, é preciso que o corpo seja lavado.

Para que receba a força necessária a sua derradeira jornada, é preciso que o corpo seja ungido.

Para que receba na ordenação dons especiais do Espírito Santo, é preciso que o corpo receba a imposição das mãos.

Para que o casamento se efetue, é preciso que dois corpos se permutem.

Para que a alma se nutra de Deus, é preciso que o corpo receba a carne e o sangue de Jesus Cristo.

Para que a alma faça penitência, é preciso que o corpo se mortifique.

É o corpo que lhe empresta as lágrimas da dor e do arrependimento, as mãos suplicantes para o céu, as genuflexões.

Para que a alma dê o supremo testemunho de sua fé, é preciso que o corpo sofra o martírio.

E de tal modo o corpo está associado à alma que diz o apóstolo São Paulo: “glorificai os vossos corpos, porque eles são membros de Jesus Cristo”.

Não é, portanto, a Igreja, mas o século que, desconhece a nobreza de nosso corpo; e o que ele chama libertá-lo é de fato escravizá-lo, porque a liberdade da carne, como a entende o século, é o homem entregue a todos os seus apetites, com os joelhos sobre tapetes, os olhos cheios de adultérios, e entregue a todas as abominações da sensualidade.

A castidade, a virgindade, o celibato, a abstinência e o jejum são preceitos regeneradores e não imposições absurdas.

A castidade, dizia São Francisco de Sales, é o lírio das virtudes, e tem entre todas as virtudes esta especialidade de ser ao mesmo tempo a virtude da alma e do corpo.

Ela tem sua origem no coração, mas pratica-se pelos sentidos, e, pois, perde-se, não só pelos pensamentos e desejos, mas por todos os sentidos exteriores: pode-se perdê-la por tantos modos quantos meios há de impureza.

Quanto à virgindade, ela é o ideal da carne; não, sem dúvida, da carne prostituída, mas disciplinada pela alma.

Não é só o coração do homem, diz a Escritura, que aspira a Deus; é também o seu corpo, a sua carne; e, quando tantas criaturas aviltam seu corpo até a condição dos brutos, é belo ver que outras o glorificam até a pureza dos anjos. Até a pureza do anjo, sim; porque o caráter do anjo é que ele não tem corpo, o caráter da virgindade é viver como se o tivesse.

Quem pode, perguntava eloqüente orador, descrever os encantos da virgindade? Eu sei que na terra há um amor puro, santo, sacramental; mas, por mais belo que ele seja - o amor conjugal tem duas enfermidades profundas: é terrestre, sujeito a influência dos sentidos: exclusivo, absorve dois seres um no outro, a custa dos grandes amores humanitários.

A virgindade é a necessidade de amar eternamente; é o amor além do túmulo; o amor que não será terrestre, nem exclusivo, não será absolvido por um só pensamento, mas no qual, os véus da carne despedaçados, o coração desoprimido do peso dos sentidos, Deus visto face a face, todos os eleitos serão como os anjos de Deus no céu.

Também o celibato não escraviza a natureza humana.

Todos os povos, diz De Maistre, acreditaram que há na continência alguma coisa de celeste que exalta o homem e o torna agradável a Divindade.

A história confirma-o. A Índia, a Pérsia, a Arábia, o Egito, a Grécia, Roma, tiveram preitos para este sentimento, que, sendo universal, deve ter uma causa universal.

A humanidade sempre entendeu que as funções sacerdotais não se harmonizam com o casamento; e a Igreja, conformemente à doutrina de Jesus Cristo, ao ensino dos apóstolos, doutores e padres, fez do celibato um preceito para certa ordem de pessoas.

Jesus Cristo viveu virgem; quis nascer de Mãe virgem; e o mistério da Eucaristia, não sendo senão a reprodução da Encarnação deve ser consumado por um sacerdócio votado a continência.

A Igreja exalta a virgindade, estabelece o celibato; mas por isso não deprime o casamento, que dignifica e santifica; nem obriga quem quer que seja a fazer esses votos.

O fim do casamento é conservar o gênero humano pela reprodução; o do celibato – conservá-lo pela santificação.

São dois agentes igualmente abençoados da conservação social.

Contra tudo isto o século alega as violações do celibato; mas estas não provam contra a beleza do preceito, nem contra a possibilidade de cumpri-lo, como as profanações do casamento não provam contra a beleza do matrimônio, nem contra a possibilidade da fidelidade conjugal.

Eu sei; os tempos são maus; a fé entibiu-se; muitos dos próprios que receberam de Deus a honra da mais bela das vocações não parecem prezar devidamente a incomparável formosura da continência.

Mas oh! não me alegueis essas misérias do celibato, porque eu vos poderia alegar, e o faria, se a dignidade do púlpito o comportasse, as inumeráveis do casamento!

Eu seria um sensato profligando o matrimônio porque para muitos o leito nupcial já não é, como dizia o Apóstolo, cheio de honra e de glória?!

Serão sensatos aqueles que deprimem o celibato clerical, e fazem propaganda do padre casado, porque há perjuros da continência, apostatas da virgindade?!

Quanto às leis da abstinência e do jejum, são tão antigas como mundo, apresentadas no antigo e novo testamento, como mortificações salutareis, agradáveis a Deus, grandemente meritórias para o homem.

Deixo de lado as razões teológicas com que a Igreja as justifica; limito-me a citar duas autoridades insuspeitas.

No seu livro admirável – Da medicina nas suas relações com a Religião, diz Vitteau:

“Misturai o vosso vinho com muita água; comei pouco; numa palavra – jejuai. As vossas digestões dar-se-ão melhor; a vossa cabeça será menos pesada, os vossos olhos não parecerão mais sair das órbitas; vossa alma palpitará de alegria. A lei da abstinência e jejum é uma lei de conservação; e com admirável sabedoria a Igreja não a impõe senão quando o desenvolvimento físico é completo e o sistema ósseo plenamente consolidado.”

Em face da Europa culta, exclama também o apóstolo do jejum, o Conde Tolstoi:

“Na sociedade atual, a virtude da abstinência está esquecida, e o jejum abandonado, considerado superstição grosseira. Mas sem abstinência não há vida moral possível. O homem é doente: tem paixões complicadas; e, para lutar contra suas tendências más, precisa combater em primeiro lugar as suas paixões fundamentais, que são – a gula e a luxúria. Se a primeira condição da vida moral é a abstinência, a primeira condição da abstinência é o jejum. Querer fazer grandes coisas sem estas prévias mortificações é querer andar sem pés. Vede os homens modernos: são elevados os assuntos de que se ocupam – filosofia, ciência, arte, poesia, distribuição da riqueza e do bem estar do povo, educação da mocidade; mas tudo isso para o maior número não passa de vã mentira: são questões de que se ocupam de passagem, no intervalo dos repastos, quando o estômago está cheio e não pode mais comer”.

Vinde; vinde agora vós todos que julgais a Igreja supersticiosa e opressiva nas mortificações que prescreve, e dizei se ela é ou não sábia e inspirada; se bem compreende ou não este sublime mistério da Flagelação, que vos apresenta hoje, não como uma cena de teatro, mas como um remédio, o único desta ferida universal: a luxúria.

A luxúria é a degradação das almas, o esgotamento das raças, o embrutecimento dos povos.

Descrevendo as causas da queda do império romano, disse um grande orador: “Roma come; e morre!”

Esta palavra é profunda: contém a origem de todas as anarquias, de todas as revoluções, de todas as rebeldias do orgulho do homem contra a sabedoria de Deus.

Não houve ainda uma monarquia, por mais poderosa, que resistisse à luxúria; uma só república que sáísse incólume das desordens da sensualidade, que começa sempre pela

impureza, entronizada nos livros, nos jornais, nos teatros, nos romances, nas artes, na literatura e na política.

Os povos que não amam a castidade; que não prezam a virgindade; que zombam do celibato; que desprezam as leis da abstinência e do jejum – são povos mortos!

Podem ter generais que com vara de ferro lhes imponham a lei; batalhões que pretendam galvanizá-los: são povos mortos. Podem ter estradas de ferro, fábricas numerosas, indústrias esplêndidas, todos os faustos da civilização material: são povos mortos. Podem ter pretensões a vida elevada da inteligência e do coração: não terão nunca a intuição das coisas delicadas e superiores do espírito.

Não terão nunca a frugalidade das raças disciplinadas. Sacrificarão os mais belos ideais da alma aos gozos mais torpes do corpo.

Podem ter pretensões a democracia e a liberdade: mas no ventre da gula afogarão a democracia, e diante de um banquete – apostatarão da liberdade! Roma come; e morre!

4.- COROA DE ESPINHOS

Videte Regem... in die laetitiae

Contemplai Jesus Cristo, o Rei dos céus e da terra, no dia do Seu triunfo!

Sim; contemplai Jesus Cristo no dia do Seu triunfo! Nada falta a Sua vitória: nem a coroa, nem o cetro, nem a púrpura!

A coroa, é verdade, é um diadema de espinhos; o cetro é um arbusto frágil; a púrpura é um farrapo avermelhado pelo Seu próprio sangue!

Mas que coroa querieis que colocassem sobre a Sua cabeça?! uma coroa de ouro? Essa fica melhor na cabeça dos príncipes da terra, que sabem dourar a apostasia da fê com o ouro da realeza. Que cetro querieis que colocassem nas Suas mãos?! um cetro de ferro? Esse fica melhor nas mãos dos falsários da liberdade, que sabem governar a democracia com a vara de ferro do despotismo. Que púrpura querieis que Lhe dessem?! uma púrpura rica e brilhante?! Essa fica melhor no corpo dos ambiciosos da fortuna, dos idólatras da glória, dos adoradores de si próprios, dos súditos escravizados da vaidade universal!

Toda vida tem uma coroa: a de Jesus Cristo devia ter a Sua.

O poeta, o artista, o estadista, o general, não almejam senão uma coroa. Os cuidados todos da sua vida, as preocupações todas da sua inteligência, os sonhos todos da sua imaginação, não se reduzem senão a desejar uma coroa, mas uma coroa que lhes dê a reputação, a honra, a ventura e a glória!

Jesus Cristo devia ter também uma coroa; mas uma coroa que fosse a expressão significativa da Sua vida. Ora, que coroa mais graciosa e expressiva Lhe podia ser dada que essa de espinhos?!

Que importa que ela não seja perfeitamente redonda, e que se não adapte perfeitamente a cabeça do real monarca? Que importa que ela Lhe seja brutalmente colocada no meio de zombarias e blasfêmias?! Que importa que os espinhos Lhe penetrem a pele da fronte e saiam-Lhe pelos olhos?! Que atravessem os nervos de Seu pescoço?! Que penetrem no Seu crânio?! Que Lhe rasguem as carnes como agulhões?! Que importa que Ele trema da cabeça aos pés num suplício intolerável; que uma nuvem de sofrimento cubra Seus olhos, e Seus lábios se tornem lívidos?!

Era essa coroa que Ele desejava; a que Lhe convinha é a que tinha direito a Sua realeza.

A que Ele desejava porque era preciso que a cabeça não invejasse, por dizer, a sorte dos outros membros do corpo, que todos tinham pago um tributo de sangue. A cabeça devia pagá-lo; e derramou também a sua porção de sangue, que, se não foi abundante, foi igualmente precioso, porque foi o sangue de Seu cérebro; o sangue que tinha nutrido os mais fortes, os mais belos e os mais generosos pensamentos: os da nossa Salvação; foi o sangue com que Ele tinha alimentado o mais grandioso de todos os planos humanitários: esse que já dezenove séculos desenvolveram; que há de ter o seu Hosana imenso, e cujos triunfos parciais são bastantes para nos assegurarem o seu profetizado definitivo triunfo.

Era a que Lhe convinha porque a cabeça é a parte do corpo mais em relação com o coração. A cabeça é a sede dos músculos, nervos, veias, artérias, que se relacionam com todos os membros, de modo que a menor lesão da cabeça todos os outros membros do corpo sofrem; e era isto o que convinha ao Amor Encarnado, desejoso de em todos e em cada um dos membros de Seu corpo pagar a pena dos nossos pecados.

Convinha que este corpo, representando toda a carne da humanidade, fosse martirizado e nós pudéssemos hoje dos sofrimentos de todos e cada um dos seus membros tirar a expiração das iniquidades cometidas por todos e cada um dos membros do nosso corpo.

Era, finalmente, a coroa, a que tinha direito a Sua realeza. Uma de ouro dar-Lhe-ia a aparência de um rei da terra; uma de louros a aparência de um simples triunfador humano; mas uma de espinhos, diz ilustre padre, anuncia-o verdadeiramente como o Rei da Humanidade, isto é, da nova humanidade que Ele veio fundar; e tão perfeitamente Lhe assenta essa coroa que os profetas extasiavam-se, vendo-a de longe.

É uma coroa de espinhos; entretanto, eles chamam-na uma coroa de pedras preciosas: *posuiste Domine super caput ejus coronam de lapide precioso.*

É uma coroa sem arte sem beleza; entretanto, eles chamam-na uma coroa divinamente formosa: *corona speciei.*

É uma coroa de loucura e dor; entretanto, eles chamam-na uma coroa de sabedoria: *corona sapientiae.*

Mas toda a coroa exige um cetro e uma púrpura: uma coroa de espinhos exigia um cetro irrisório e uma púrpura ridícula. Este cetro é o que Lhe convinha; esta púrpura é a que devia orná-LO.

O Rei que veio fundar o Seu Reino com os atrativos da Graça e não com a força das armas; não pelo terror, mas pela doçura; não pela violência, mas pelo amor; não pela sabedoria do mundo, mas pela loucura da Cruz; que veio levantar tudo o que é humilde, glorificar tudo que é abjeto, devia ter como cetro o mais frágil dos vegetais.

O rei do Amor não devia também, como muitas vezes os reis da terra, ter a Sua púrpura manchada pelo sangue das revoluções e das guerras; mas avermelhada pelo Seu próprio sangue.

Era preciso que os reis, e os outros chefes das nações que as não conseguem governar realmente com seus cetros de ferro; nem se fazerem adorar apesar de suas púrpuras majestáticas ou democráticas – vissem Jesus Cristo consegui-lo com um cetro de cana e uma púrpura esfarrapada.

Os Judeus, pois, supondo confundir a Jesus Cristo, não fizeram senão dar-Lhe as insígnias que convinhão à Sua realeza.

Era triste então o estado da nação judaica; profunda a sua decadência política, civil e religiosa; e tão obliterados os sentimentos que, supondo aspirar a liberdade, de que o despotismo romano a tinha despojado, de fato não queria senão a escravidão.

Como todos os povos corrompidos, e que não vêm nas calamidades e misérias o justo castigo de seus pecados, o povo judeu volve-se para todos os lados a procura da salvação; mas não atina com o verdadeiro caminho por onde deve seguir.

Se tivesse correspondido a sua vocação divina, seria o povo arauto da humanidade; repudiou-a, porém, e a sua vida nacional não se torna mais que uma humilhação.

O espírito público enfraqueceu-se; as classes sociais desmoralizaram-se; o lar prostituiu-se; o próprio sacerdócio, aviltado, deixou corromper-se a religião, e profanarem-se os templos.

Então, despojado de sua autonomia, perdida a sua grandeza nacional, oprimido pela tutela romana, ele suspira por um libertador.

Mas que libertador? Um general forte e poderoso, acompanhado de exércitos, e que com a espada desembainhada, ganhando batalhas, devastando cidades, subjugando todos os outros povos, lhe restitua com a liberdade política a perdida prosperidade.

Não é esta a sorte de todos os povos que apostatam a fé e repudiam a Deus?! Não é sempre, por um justo castigo, que eles apelam para a espada; e não é sempre a espada que vinga os crimes e as iniquidades dos povos sem Deus?!

Como, pois, os Judeus haviam de compreender a verdadeira realeza de Jesus Cristo, Rei manso, pacífico, cheio de doçura e de humildade?!

Como poderiam eles tolerar que dentre os seus compatriotas um tão obscuro tivesse a pretensão de salvar a sua pátria sem nenhum dos meios humanos: a força, a riqueza, as armas e o poder?!

Não: não podiam compreender essa realeza; por zombaria dão ao Rei verdadeiro as insígnias mais irrisórias; Deus, porém, da cegueira e maldade do povo infiel, tira a glória de Jesus Cristo, fazendo que essas insígnias sejam justamente as que melhor significam a qualidade da Sua soberania e a natureza do Seu Reino.

O libertador que eles desejavam apareceu; foi recusado pela Sua pátria; mas operou, em maior escala, em todo o universo, e por meios mais prodigiosos do que os que ela imaginava a maior de todas as revoluções da humanidade. Com uma coroa de espinhos, um cetro de cana e uma púrpura esfarrapada, Jesus Cristo tomou posse do mundo, libertou o mundo, fez-Se adorar pelo mundo. Dizei-me agora: a esse Rei deviam dar-se a coroa, o cetro e a púrpura que se dão aos outros reis?!

Não era preciso que as Suas insígnias fossem diferentes, e mesmo tão humilhantes, quanto o triunfo tinha de ser universal e assombroso?!

Não contemples, portanto, simplesmente com os olhos carnaís este mistério de Jesus Cristo coroado de espinhos: contemplai antes com inefável júbilo a sua beleza e o esplendor da sua glória: *videte Regem... in die laetitiae*.

Extraí também deste mistério o seu profundo ensino; tirai da cabeça de Jesus Cristo, coroada de espinhos, todo o proveito para a vossa salvação.

Dizei que sois cristãos. Pois bem; sois súditos de Jesus Cristo.

Mas, se sois súditos de Jesus Cristo, o sois de um Rei coroado de espinhos; e, se o vosso Rei é assim coroado, como quereis, pergunta São Bernardo, vos coroar de rosas efêmeras, isto é, pensamentos vãos, imaginações pueris, ambições loucas, avarezas e vaidades?!

O Reino do vosso Rei nada tem de terrestre e mundano; é o Reino da humildade do espírito, da renúncia das glórias e riquezas, da paz, do amor, da caridade.

Não pode o homem ser súdito desse Rei, nem viver no Seu reino, senão renunciando-se a si próprio no que tem de grosseiro e imperfeito.

Quereis ser súditos de Jesus Cristo? Eu aplaudo deveras a nobreza de vossa aspiração; porque esse reino é de todos o mais formoso.

A humanidade só conhecia três reinos: o da material, sujeito às leis físicas, o reino animal, entregue aos simples instintos, o reino humano, apenas iluminado pela fraca luz da nossa razão.

A estes três reinos Jesus Cristo acrescentou um quarto: o reino de Deus, concebido, realizado, dirigido e perpetuamente sustentado pelo próprio Deus. Todos os homens são chamados a este Reino; mas nele nenhum homem entra senão renunciando-se a si próprio, e sacrificando ao espírito de Deus essas paixões inferiores que não o deixam

compreender este profundo mistério da Coroação de espinhos, sempre, mas nunca tão oportuno como na época atual.

Qual é a grande característica da nossa época? O orgulho.

O mundo está cheio de profetas novos; todos se pretendem iluminados. Todo o espírito quer ser um Messias; e todo o livro pretende ser o berço de uma nova revolução da humanidade.

Que digo? Todo o livro?! Não há jornal de aldeia que não pretenda ser um Evangelho; e os chamados apóstolos da Idéia pupulam por toda a parte, pretendendo salvar o mundo e felicitar a humanidade, nome que, em todas as burlescas liturgias das modernas religiões sociológicas, aparece freqüentemente como o símbolo do dogma que elas criaram e único que admitem: o dogma da soberania do homem.

Todos esses novos cultos do que eles chamam *Idéia* não são mais que uma idolatria humanitária – o culto do *eu*, a apoteose do homem pelo homem; porque de fato o Deus que eles adoram é a espécie eternamente progressiva e da qual, dizem eles, cada passo é uma vitória sobre a natureza. De sorte que o Cristo, não foi criador da nova humanidade; esta tem ainda de sair do cérebro escaldado dos novos Messias!

Todos esses sistemas que se propõem à razão são irrisórios, sem dúvida: mas, donde todos eles procedem? Do orgulho da inteligência, a qual nunca foi tão fútil nem tão presunçosa como na nossa época, em que todos os países têm os seus Messias, cada cidade os seus profetas, e cada aldeia os seus apóstolos da Idéia, que eles proclamam a nova, a única, a redentora.

Quereis avaliar, devidamente toda a parvoíce desse orgulho? Vede. Sessenta séculos a humanidade tem vivido na terra acreditando no casamento, na propriedade, em Deus, no céu, no inferno, no purgatório, em tudo aquilo que por assim dizer constitui o patrimônio das suas crenças.

Pois da noite para o dia levanta-se nas colunas de qualquer jornal, ou na tribuna de qualquer esquina, um mancebo, ainda imberbe, e diz “a propriedade é um roubo; o socialismo o verdadeiro direito. O casamento não é uma instituição divina nem um sacramento; é um simples contrato sexual. Deus é uma chimera; o mundo foi feito pela matéria e a força. O céu, o inferno, o purgatório são superstições da religião. Jesus Cristo não é o homem-Deus, o redentor da humanidade, o salvador dos povos. Só há uma religião verdadeira: a ciência.”

A conclusão é lógica: a humanidade inteira durante sessenta séculos viveu nas trevas; todos os espíritos, ainda os mais transcendentais de todos os séculos, foram vítimas do erro; e o tal mancebo é que possui a verdade. Não foi Jesus Cristo o verdadeiro Messias; quem é Ele então? Sem dúvida, o tal mancebo, que não o diz por acanhamento; mas indubitavelmente nasceu para reformar os princípios, as idéias, as crenças, as leis, o direito, as instituições e a religião de sessenta séculos.

Torno a perguntar: de onde vem tudo isso? Do orgulho. E este orgulho do mancebo, aliás, resultado dos livros e jornais em que a pobre vítima se tem nutrido, e que lhe tem

proporcionado os ridículos Messias dos outros países, denota algum vislumbre de inteligência?

Não; o orgulho da inteligência, pavoroso mal da nossa época, é a maior aberração da mesma inteligência. Toda a força da inteligência está no bom senso; e o simples bom senso ensina ao homem a humildade, que não é, como se pensa, uma virtude abjeta, mas a mais alta e elevada das percepções da razão.

“Coloque-se o homem – diz brilhante escritor – numa planície, onde se veja rodeado de seres animados e inanimados, racionais ou privados de razão. No meio das nuvens, das pérolas, das folhas e flores, que pensamento o preocupa, que sentimento o domina? Que é uma criatura. Sim; é essa idéia a que, em tais circunstâncias, assalta de todos nós. Temos vivido tantos anos, meses e dias: ocupamos uma posição na vida. Não sabemos, porém, o que se fez antes de nós, exceto alguns fatos que a história registra; nem o que será depois, exceto alguma revelação. O homem não deu a vida a si próprio; não sabe se será feliz ou desgraçado, grande ou miserável, são ou enfermo. Por quê? Porque é uma criatura. Podia ter nascido num dia ou noite dos milhares de anos que o precederam, noutra País; mas aquele dia em que nasceu e aquele país onde surgiu à luz lhe foram dados sem audiência sua. Por quê? Porque é uma criatura. Ainda mais: a natureza bruta lhe resiste; só com muito trabalho pode cultivar a terra e fazê-la produzir. É preciso que a terra lhe forneça os minerais e os gases; os animais - a alimentação. Por quê? Porque não é senhor dos elementos, nem mais que simples usufrutuário do globo. De fato ele sabe que não fez o planeta; e que não pode andar sobre o pó da terra sem pagar-lhe o real tributo de uma aparente dominação. Mas porque tudo isso? Porque é uma criatura. Se é uma criatura, tem um Criador. Mas esta palavra, o Criador, como é entendida em nossa época? É um nome abstrato para significar somente que não somos eternos, é a forma masculina da expressão – criação. Nos livros de moral, ciência, filosofia, política, de certo modo fala-se no Criador; mas sem que isso importe reconhecer o Criador como um ser pessoa e vivo. Deus como pessoa é questão de que ninguém se ocupa; e até nas ciências naturais – a origem, os seus elementos moleculares, as revoluções dos corpos celestes, tudo isso é estudado e explicado numa multidão de livros com um ateísmo tão ingênuo que a palavra criatura não implica nunca a necessidade do Criador.”

Torno a perguntar: donde vem tudo isso?

Do orgulho, cujo maior castigo é este: divorciar-se completamente do bom senso; porque o mais simples bom senso, de todas as reflexões precedentes tira esta conclusão: eu sou uma criatura racional, inteligente, livre; portanto, a razão, a inteligência, vontade são também atributos do meu Criador. Eu pequenina criatura, amo ou sou capaz de amar; portanto, o meu Criador, o foco de todos os seres criados, é um oceano de amor.

O orgulho é, pois, a cegueira da inteligência; a humildade o esplendor da razão.

E não é senão para nos ensinar a humildade de espírito que a cabeça de Jesus Cristo se nos mostra hoje coroada de espinhos. Estes espinhos foram nela os castigos das nossas vaidades, das nossas vanglórias, das variadas e ridículas manifestações do nosso amor próprio, que são inumeráveis!

O orgulho é, depois do dinheiro, o maior déspota desta geração, que não tolera nenhuma superioridade intelectual, não respeita nenhuma elevação moral, não admira e aplaude senão os produtos do seu cérebro enfermo, e as obras da sua torpe imaginação.

Cada espírito sabe tudo!

Mas, se o orgulho da inteligência é a expressão da nossa época; que melhor e mais oportuno ensino que o deste Mistério? Ele é a mais formosa de todas as apoteoses da humildade.

Sois homem? Sois cristãos? Quereis verdadeiramente conquistar a liberdade do coração, a paz da alma, a sabedoria do espírito – frutos da humildade?

Contemplai aquela coroa, beijai-a; proclamai bem alto: Salve, Rei da nova humanidade!

5.- JESUS RECEBENDO A CRUZ

Veni, sponsa mea!
Vem, ó Minha esposa!

Volvei séculos na fantasia; transportai-vos a cidade de Jerusalém: enorme multidão enche as ruas e as praças públicas; arautos fazem soar as suas trombetas; pela cidade desfila ruidoso séquito, cujo caminho abre o centurião.

Todo aquele povo está alvoroçado. Que acontecimento se opera? Que fato tão singular desperta assim a pública atenção?! A história nos diz simplesmente que era Jesus Cristo que seguia o caminho do Calvário, acompanhado dos Judeus, que tripudiavam de infernal alegria por terem, enfim, conseguido da infâmia dos seus magistrados a mais infame de todas as condenações.

Eu também vejo tudo isso; mas, iluminado por melhor luz que a luz da história, vejo naquela multidão um verdadeiro cortejo; ouço nas trombetas que soam verdadeiramente os hosanas do céu; vejo no condenado o Esposo eleito; na Cruz que Lhe dão e que Ele conduz vejo a Sua esposa diletta; no Seu trajeto doloroso para o Calvário vejo a marcha triunfal para o templo onde se consumará o consorcio em que deve receber a única esposa digna do Seu amor!

Então, me perguntareis: esse grande acontecimento, esse fato estrondoso que se passa em Jerusalém não é senão a festividade de um casamento? Sim; é um casamento; porque, fototipo de todos os laços sagrados, o casamento abrange a universalidade das coisas.

Casar, diz católico e erudito publicista, é chamar alguém, alguma coisa para si, identificar-se com ela. Casa-se o monge com o seu monge com o seu mosteiro, o rei com o seu reino, o senhor com o seu domínio, o lavrador com a terra. Também Jesus Cristo se casou: casou-Se com a Cruz.

Sim; é um casamento: e o encanto de todos os esposais; a ternura de todos os noivados; a ventura de todas as núpcias não igualam a felicidade desse casamento, que não foi senão o consórcio da humanidade com Deus.

Este consorcio consumou-se no altar do Calvário; mas os esponsais tiveram lugar nas ruas de Jerusalém, a louca, a cega, a cruel, a obcecada, que não pode divisar através das sombras de seu ódio a beleza de tão divino casamento, cujas pompas triunfais são as próprias crueldades de que ela o cerca, e das quais a sabedoria de Deus tira a exaltação de Seu Filho.

Também o século, eu sei, não compreende estas espécies de casamento: ele, que tem em consideração todos os casamentos, até mesmo o civil, não ouvirá sem incredulidade falar de núpcias místicas, de casamentos espirituais.

Não estamos mais nas épocas de fé em que o mundo admirava e as belas artes celebravam o consorcio de Santa Catarina de Sena com Jesus Cristo, ou o do São Francisco de Assis com a pobreza.

Não obstante, como diz São Bernardo, é verdadeiramente um contrato nupcial a união das almas com Jesus Cristo; e tudo o que se pode dizer de mais belo a respeito da intimidade, de fusão dos corações, da comunhão dos bens, nos casamentos da terra, se realiza no de Jesus Cristo com a alma humana.

O Esposo não é simplesmente uma pessoa que ama: é o Amor em pessoa, em toda a Sua infinita amabilidade.

A união é a união com Deus, a única sem desencantos; porque todas as outras pagam tributo às ilusões da vida e as fraquezas de nossa natureza: só essa não sofre decepções.

A prole é de todas a mais formosa: porque são os frutos da virtude cristã.

O dote não é somente o cêntuplo neste mundo: é a vida eterna no outro.

Também São Tomás comparava o nosso Paraíso futuro a uma espécie de união matrimonial entre Deus e a alma, na qual três dotes bem distintos nos são constituídos: a visão de Deus, a posse de Deus, a deleitação em Deus.

Ora não foi senão para unir a si todas as almas que Jesus Cristo caminha lenta e dolorosamente; todas as Suas feridas sangram; as gotas de sangue envolvem Seu corpo; as fontes abertas pela flagelação deixam ensopar o Seu vestuário. E, vendo-O caminhar fatigado, como que não podendo suportar o peso da cruz, perguntar-se-á: tendo-a desejado com tanto ardor, aceitado com tanta ânsia, como tão fraco se mostra para carregá-la?! Se real fosse a Sua alegria, não devia antes mostrar-se forte e vigoroso?!

Tudo isso, cristão, não é uma enfermidade: é um prodígio.

Ele leva uma cruz carregada de todos os pecados do mundo; e, se Ele a conduzisse com firmeza, com força própria a desconcertar os Judeus, com ar altivo e triunfante, isso não seria útil a nossa redenção. Essa cruz não teria representado a humanidade em toda a sua fraqueza; Jesus Cristo não carregaria a nossa cruz.

Levando-a, porém, vacilante, fraco, no meio de ignomínias e insultos, com esforço, dificuldades e pena, com os sentimentos de um culpado, tremendo sob o seu peso. Ele mostrou que se pôs em nosso lugar e levava a nossa cruz.

Como diz um padre, os mártires podiam, com alegria e ar triunfante contemplar as suas cruzes, porque eles a tinham recebido para glória de Jesus Cristo. Jesus Cristo não – porque Ele levava a Cruz por nós e em nosso lugar.

Na Agonia do jardim vimo-IO revestido de todos os pecados do mundo. Na Flagelação – revestido especialmente das nossas impurezas. Na Coroação de Espinhos – especialmente revestido de nossas vaidades e orgulhos. Hoje, recebendo a Cruz, e no caminho do Calvário, vemo-IO mais especialmente revestido de toda a nossa fragilidade, das vacilações e fraquezas da humanidade, que não é senão muita repugnância e com muito esforço que aceita tudo aquilo que aflige a carne e mortifica a natureza.

Não obstante, este mistério é cheio de encantos: é dum mistério de encontros, de concursos e de harmonias.

Em primeiro lugar, é o encontro do Precioso Sangue com a Cruz; e neste encontro é que reside a virtude secreta da Redenção.

Bastava um gemido, uma lágrima, uma súplica, o menor sofrimento ou humilhação de Jesus Cristo para salvar este e todos os mundos possíveis; mas a Eterna Justiça tinha decretado que a redenção se fizesse pelo sangue: *Sine effusione sanguinis non fit remissio*. E o sangue que devia resgatar o mundo não era precisamente o da Circuncisão, o da Agonia, o da Flagelação, o da Coroação de Espinhos, mas o que fosse derramado no Calvário. Ora, é hoje que Jesus Cristo recebe a Cruz, é hoje que contrai os Seus esposais; é hoje que vai consumá-los. Este mistério é, pois, o prelúdio da Redenção.

Em segundo lugar, este mistério é o encontro da Mãe com o Filho, até então, aos olhos, separados nos diversos mistérios da Paixão, hoje reunidos nos diversos e ambos levando as Suas coroas – o Filho a Coroa de Espinhos sobre a cabeça; - a Mãe – a coroa da Dor sobre o coração.

Sempre a Mãe e o Filho estiveram unidos. Maria, de fato, tinha sido o primeiro Calvário de Jesus, o primeiro altar em que a Hóstia Pura se tinha imolado; mas é hoje que as Duas Vítimas das nossas iniquidades se nos mostram solidárias na mesma responsabilidade, no mesmo resgate, na mesma Salvação.

Este mistério é, portanto, não só a vitória do Filho, mas a suprema abnegação da Mãe.

Em terceiro lugar, este mistério é uma figura, uma profecia: a figura da Igreja, caminhando através dos séculos; a profecia de suas vicissitudes, de suas lutas, de seus triunfos; é o precioso Sangue caindo sobre bons e maus; e multiplicado, perpetuado pela Igreja, inundando o mundo inteiro no mar do seu amor.

Eis a tríplice significação do mistério.
Qual o seu ensino?

Ele nos ensina que se não encontra Jesus Cristo senão com a Cruz; e que, se Jesus Cristo a amou tanto, também nós devemos amá-la.

O que melhor do que a Cruz de Jesus Cristo nos ensina a injustiça das nossas queixas nos sofrimentos, nas tribulações, na adversidade?!

Entretanto, amamos a Jesus Cristo; mas não a Sua Cruz. Ele tem muitos, diz o Livro da Imitação, que amam o Seu Reino celestial; mas poucos que levam a Sua Cruz.

Muitos desejam Suas consolações, e mui poucos amam os Seus trabalhos.

Muitos companheiros acha de Sua mesa, e poucos de Sua abstinência. Todos querem gozar da sua alegria; poucos, porém, querem sofrer alguma coisa por Ele.

Sim. Ninguém quer a cruz; ou, se a deseja, há de ser conformemente aos seus gostos e inclinações.

Cada um quer talhá-la a seu bel-prazer; cada qual quer que a sua cruz seja não a do opróbrio e da ignomínia, mas a do orgulho e da vaidade; cada qual quer escolhê-la.

Sou fraco e sensível; não me fiz a mim próprio; não posso suportar esta cruz; suportaria outra, esta não, porque é uma injúria que se me irrogou, uma calúnia de que sou vítima, uma tribulação que não mereço: - eis a objeção.

Ninguém, seja rei ou papa, pode viver sem cruz. Inocente, penitente ou incrédulo, todos têm de carregá-la; porque, como ainda hoje lembrava piedoso cristão, há a cruz da inocência, há a cruz da penitência, há a cruz da irreligião. Sim: o inocente sofre; o pecador arrependido chora; o ímpio ilude-se fugindo de Jesus Cristo, mas não logra viver sem tribulação.

Todos levam a sua cruz: é uma lei; mas, como ninguém se pode eximir a esta lei, cada qual quer uma cruz ao seu gosto, pretextando a sua fraqueza.

Ilusão! A cruz que cada qual carrega é a que lhe parece oposta à sua natureza, mais apropriada é as suas necessidades.

Jesus Cristo, mandando que cada qual carregue a sua cruz, não distinguiu os que a natureza fez mais fortes dos que a natureza fez mais sensíveis e fracos. As suas regras são remédios; e, por mais que nos pareça a nossa cruz resultado da vontade dos homens, não é senão obra da paternal bondade de Deus.

Sois fraco? Mas é porque sois fraco que essa cruz vos convém. Que é ser fraco e sensível, pergunta eloqüente orador cristão?

“É dar tudo a natureza e nada a fé. É amar-se excessivamente a si mesmo; é deixar-se conduzir pela vivacidade de suas tendências; é querer repouso e a paz numa vida de combates. Uma alma cristã, diz o Apóstolo, deve ser uma alma forte, a prova das perseguições, dos opróbrios, da morte mesmo. Arrebatem-se-lhe seus bens, sua honra, sua reputação: que importa?! Conserve-a o tesouro da fé! Sinta, porque a religião não

apaga os sentimentos do coração; mas alegra-se, porque a fé transforma as lágrimas carnaís em lágrimas de amor, resignação e piedade.”

Não; não lamentais as vossas esperanças frustradas, os vossos projetos de grandeza e de fortuna dissipados, as vossas ilusões de prazer, de bem-estar e de glória aniquiladas pela injustiça, pela ingratidão, ou pela adversidade: são os sinais da vossa predestinação e a matéria de vossa cruz.

Tomai-a. Que significa tomar a cruz?

Significa, diz São Francisco de Sales, receber e sofrer as nossas penas, contradições, aflições e mortificações que nesta vida nos acontecem, sem exceção alguma, com inteira submissão e indiferença. As melhores cruzes são as que mais incomodam a parte inferior da alma. As cruzes que a nós mesmos impomos são inferiores, por serem nossas; e têm menos mérito.

Recebamos, pois, com amor as que não escolhemos e que Deus no deu, ainda que sejam de palha e não de madeira. O mérito da Cruz não consiste no seu peso, mas no modo de levar; e há muitas vezes mais virtude em levar uma Cruz de palha, porque é mais abjeta e menos conforme a nossa inclinação, do que uma bem pesada de madeira, que nos faz brilhar aos olhos do mundo, lisonjeia a nossa vaidade, e nos atrai a fama, a celebridade, o louvor.

Aquela parece abater-nos, e esta elevar-nos. Mas isto foi à mesma ilusão dos Judeus. Eles supunham não dar a Jesus Cristo com a Cruz que Lhe escolheram senão a ignomínia; e deram-Lhe a glória! Nós supomos que na Cruz que aparentemente nos dão os homens só há opróbrios: nela, entretanto, está a vontade de Deus, e, pois, a nossa glória!

Que, portanto, cada um carregue a sua cruz. É pesada?

Mas ali está Jesus Cristo, que nos ensina a carregá-la. Ele nos ajudará, diz o Livro da Imitação, pois é nosso capitão, e nosso guia, e foi também nosso exemplo. Como nosso Rei, vai a nossa frente para combater por nós. Sigamo-LO com valor; ninguém tema nem enfraqueça; ninguém perca sua glória com a vergonha de fugir da Cruz.

6.- A CRUCIFICAÇÃO

*Nos autem gloriari oportet in cruce
Domini Nostri Jesu Christi.*

Devemo-nos gloriar da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo

Ei-LO, enfim, no porto desejado, o Eterno Viajor! A barca da Salvação, que Ele conduzia através das ondas do Seu precioso sangue, lançou, enfim, a âncora no Calvário!

Está desfigurado?! Os Seus membros já não têm movimento?! Esses olhos que penetram as profundezas do céu e os abismos do inferno parecem já não contemplar esta

cena mais infame da história, este atentado mais covarde do poder político, este escândalo mais vil e ignóbil da justiça humana?! Está desfigurado?! Esgotaram-se-Lhe as forças?!

Mas Ele vem de bem longe, o Piloto da Redenção. Aos judeus, que O conduziram do Pretório ao Calvário, pensam que Ele fez apenas o percurso de um quarto de légua; mas Ele vem da eternidade; Seu precioso sangue aos carrascos, ab aeterno é visto por Deus.

Sim: Ele existiu, antes da criação de todos os mundos, na tranqüila e vasta visão da inteligência divina; existiu nas possibilidades de uma Encarnação impassível e gloriosa; existiu nas heróicas resoluções de uma Encarnação sujeita aos opróbrios, as ignomínias, aos sofrimentos e á morte. Ele fez uma viagem bem longa, através de todas as criações do espírito, da matéria e da humanidade. Penetrou na esfera angélica: e os anjos salvos o foram pela virtude, já conhecida por Deus, da efusão futura de Seu sangue.

Penetrou na esfera da criação material: e os penhascos, os mares, os elementos, as massas brilhantes que se equilibraram no espaço, os átomos misteriosos que operam nas profundas evoluções da terra, todo o universo foi preservado da desorganização que lhe traria o pecado sem o banho lustral de Seu sangue.

Penetrou no mundo humano; parou no Paraíso Terrestre; contemplou com imensa tristeza o espetáculo da queda primitiva; o pecado de Adão abriu-Lhe no coração fontes de ternura infinita; entre a Justiça, que Lhe impunha a aversão pelo culpado, e a Misericórdia, que Lhe inspirava profunda piedade pelas ruínas da sua obra prima, preferiu tirar dos restos daquela beleza desfigurada pela rebeldia da prevaricação original motivos de indulgência; revestiu-se dos emblemas da paixão; deu definitivamente à realeza impassível e gloriosa sobre cujo trono o universo inteiro teria de adorá-IO a púrpura de dores que devia torná-IO mais direta e proximamente o Rei da humanidade.

E continuou a viajar: e viajou quatro mil anos; e deu vigor aos patriarcas, deu entusiasmo aos profetas, animação a todas as idades do mundo, remédio a todas as catástrofes da humanidade, até que, enfim, pairou sobre uma obscura aldeia, penetrou nos recessos de uma Virgem, onde encheu de sangue as veias de um menino, que a humanidade viu depois nascer em Belém, crescer em Nazaré, preparar-Se numa oficina, batizar-Se no Jordão, fortificar-Se num deserto, e em plena virilidade entrar com estrepito e assombro na vida pública. No meio dos encantos indescritíveis do presépio, nas fadigas da viagem e do refúgio no Egito, nos labores da pequena cidade que ocultou a Sua juventude, no batismo, na penitência, no ministério público, o cimo desta colina – o Calvário – foi sempre a mira dos Seus desejos. Era no Calvário que se devia realizar a efusão que salvou o mundo; o Calvário era o sofrimento supremo; era o fim da batalha e o complemento dos decretos eternos.

Ei-IO, no Calvário! Despiram-nO, deixando-O nu, e de tal modo, com tamanha ofensa do pudor, que Sua Mãe teve de cobri-IO com o Seu véu.

Estenderam-no sobre a Cruz, tosca e mal desbastada. Cravaram-Lhe as mãos e os pés.

Entre os alaridos da canalha, que gritava, e as blasfêmias dos sacerdotes, Escribas e Fariseus, que zombavam d'Ele, levantaram-nO entre dois ladrões.

A Virgem, São João e a Madalena contemplam-nO com dor inenarrável. Todas as Suas feridas sangram; todos os Seus sofrimentos físicos renovam-se.

As mãos, os pés, os nervos, as veias, as artérias, todo o Seu corpo... crucificado! E, sem embargo, a Infinita Ternura não abandona o Infinito Martírio: é a mesma Bondade, que se compadece de nós; é a mesma Sabedoria que lamenta a nossa ignorância; é a mesma Doçura, que fala ainda, e fala para o que?!

Para pedir o perdão dos carrascos que O crucificam; para dar à humanidade, como o Seu legado, na pessoa de João, a Sua própria Mãe; para dar a nós todos, em permuta do fel e vinagre que Lhe oferecem; a fonte de água viva que nos há e saciar; para fazer nessas sublimes palavras da Cruz as últimas disposições da Sua vontade – o Seu codicilo: porque o Testamento já estava feito: era a Eucaristia, a doação da Sua própria carne e do Seu próprio sangue!

Ei-IO crucificado! Pois será este o resultado de toda uma vida consagrada ao amor da humanidade? Será este o resultado de um heróico apostolado de três anos?!

Sim; é este o resultado. Para a história o Calvário é um insucesso, e o maior de todos os insucessos, porque é a derrota de Deus, o repúdio da Sua obra, o triunfo medonho da perversidade humana contra a Bondade Divina, a completa humilhação do Verbo Encarnado, a pavorosa atrocidade do Seu suplício, o supremo horror do Seu martírio, a profunda desolação da Sua alma, a infinita amargura do Seu coração; é o Criador confundido pela criatura; é a liberdade do homem calcando aos pés o amor de Jesus Cristo.

Mente a história? Não; já não podemos negá-lo: Deus foi vencido; e o zelo, a bondade, a eloquência incomparável, os milagres estupendos, a sublimidade dos três anos de apostolado não fizeram senão tornar mais estrondosa a sua derrota.

Não se pode negar; mas pode-se, mesmo no terreno da história, explicá-lo.

A esperança messiânica enchia o mundo inteiro; como todos os povos, também o povo judeu esperava o Libertador.

Ele aparece; percorre toda a Judéia; enche-a de prodígios.

Prega o Seu Evangelho, revelando segredos que *ab-aeterno* via em Seu Pai. É alívio para os enfermos, esperança para os desventurados, misericórdia para os pecadores. É cheio de beleza, de graça, e doçura. Sua vida, Sua doutrina, Seus milagres – tudo revela o Seu caráter, que é sempre divino, a Sua bondade, que é sempre infinita. É o homem perfeito, em tudo igual e santo, sem prejuízo da bondade sempre viva, e tão imensa que, diz Bossuet, os Seus milagres revelam mais a Sua bondade que o Seu poder.

O que em todos os Seus atos O domina é o sentimento profundo da paternidade divina; é a idéia de uma aliança nova e feliz entre Deus e os homens. E é para intermediário desta nova aliança que Ele Se oferece; aliança cuja fórmula suprema Ele traduz na Sua expressão predileta – o Reino de Deus.

A humanidade, diz um teólogo, conhecia o reino da matéria, o reino animal, o reino da razão; adorava as leis físicas, via reproduzidos em si própria os instintos brutais, sentia ausentes da Sua inteligência as idéias que poderiam nem deixá-la confundir-se com a matéria, nem identificar-se com o animal. O homem só operava na tríplice esfera da matéria, da animalidade e da razão; Jesus Cristo, porém, aparece e lhe revela uma nova esfera, um novo horizonte, um Reino novo.

Este Reino é o reino de Deus, de todas as concepções, a mais vasta que já registrou a história, porque é o Espírito mesmo de Deus tomando no Cristo e pelo Cristo posse da humanidade, libertando-a das leis da matéria, dos instintos do bruto, e dos desvarios da razão individual; é o Reino cujo chefe é Jesus Cristo, cuja lei é a vontade do Pai, e cujos súditos são todos os homens.

Todos os homens, sim; porque Jesus Cristo convida para o Reino de Deus todos os povos, todas as raças, todas as civilizações. O Reino de Deus não tem fronteiras; desafia todas as nossas mesquinhas concepções de cosmopolitismo, todas nossas estreitas teorias de fraternidade.

É o Reino universal, eterno, que, na verdade, tem começo e desenvolvimento na terra, mas encherá o universo, no seu triunfo definitivo, quando, numa imensa palingenesia a humanidade transfigurada aclamar em Jesus Cristo o Rei de toa criação.

Sem dúvida, o Reino de Deus, tal como Jesus pode inaugurar-lo na terra, parece ser principalmente o Reino dos pobres, dos infelizes e dos humildes; mas a ingratidão humana não destrói os desígnios de Deus, que no Cristo, isto é, através dos véus da carne em que se nos revelou, ofereceu-O a todos os homens.

Todos a quem não satisfaz a realidade presente; todos que têm um ideal acima das misérias da terra. Todos que têm fome e sede de justiça podem e devem ser súditos de Jesus Cristo. Porque não são?!

Porque o Reino de Deus sofre violência, isto é, não se faz parte dele senão renunciando-se a si próprio no que se tem de vil, de imperfeito, de mau. Os orgulhosos, os satisfeitos de si próprios, os inchados de ciência, os escravizados por suas paixões não se resignam a isto. Eis porque para muitos o Reino de Deus fica inacessível; do mesmo modo que para os Judeus ele parece obscuro, não obstante o seu fulgor.

Como poderiam eles compreendê-lo?

Jesus Cristo fala, e as Suas obras dão testemunho de Sua palavra. Mas a aceitação de qualquer palavra, ainda mesmo a de Deus, não é resultado somente da verdade que ela contém; e mais ainda do estado moral de um povo, do estado de sua consciência, e das aspirações de seu espírito.

Ora, na Judéia os políticos desejam apenas a restauração política do país; os padres – o predomínio exclusivo e universal da lei Religiosa em vigor; o povo, em geral, uma revolução que o liberte do despotismo romano.

Nem os políticos, nem os padres, nem mesmo o povo podem compreender o apostolado de Jesus! É verdade que Ele atrai a multidão; é verdade que um momento Ele fascina as

classes populares; é verdade que mesmo um triunfo momentâneo parece reconhecê-lo como o Libertador da Judéia.

Mas bem depressa o entusiasmo popular faz causa comum com os políticos, e os padres, e todas as forças da nação – poder, ciência, sacerdócio, plebe, coligam-se contra Ele.

Os políticos acusam-nO de conspirador; os padres – de blasfemo; a canalha – de simples aventureiro.

Uma nação assim obcecada não podia compreender o Reino de Deus; e, quando o Libertador lhe apareceu, manso, humilde, sem fausto nem grandezas terrestres, ela não podia reconhecer nEle o Salvador da humanidade.

É justificável o seu engano? Não; porque os padres deviam conhecer as profecias, estudá-las, compará-las com a vida de Jesus Cristo, ensinar o povo, mostrar-lhe os sinais do tempo. Era neste, então, o grande papel do sacerdócio, que, entretanto, aviltou-se, desprezou o espírito da lei, desfigurou o culto, profanou o templo, e corrompeu todos os elementos da nação. Nenhuma idéia grande nos púlpitos; nenhum sentimento sincero nos atos da religião.

A prática exterior absorvia o sacerdócio; o texto da lei era toda a ciência dos saduceus; a pompa e o brilho das festas eram todo o objeto do culto; e o povo, corrompido por esse simples aparato de fê e piedade, bem pouco preparado estava para a caridade real do reino de Deus, que, entretanto, passou no meio dessa profunda decadência política, social e religiosa sem nada perder da Sua beleza e serenidade.

Jesus Cristo fica indiferente a todas as aspirações extravagantes do povo judeu. Não é a liberdade judaica que Ele vem promulgar: é a liberdade humana; não é a restauração política da Judéia que Ele vem fundar: é o Reino Universal de Deus, reino de que, entretanto, o povo infiel seria o arauto, sem a apostasia que o maculou.

Por Sua sublimidade, a obra transcende o nível intelectual, moral e religioso da Judéia; e por isso Jesus Cristo é repudiado. Este repúdio é, porém, o castigo da nação judaica; como é castigo de todos os povos corrompidos na política, na ciência, no poder, na magistratura, no ensino, na religião, acabarem repudiando Jesus Cristo.

Foi crucificado, sim; e o Calvário é para a história o maior dos insucessos. Mas é também para a fê o maior de todos os êxitos. Nem a história mente; nem a fê se ilude.

Crucificando Jesus Cristo, os Judeus supunham cobri-LO de ignomínia e infâmia. Não faziam, entretanto, senão dar-Lhe o gênero de morte que Ele próprio tinha de antemão aceitado o mais apropriado aos Seus desígnios. Era justamente o Calvário o altar escolhido para a redenção; era justamente aquela Cruz infame o trono em que o Rei da nova humanidade devia fazer brilhar toda a divina majestade do Seu ministério.

Sim; a crucificação era nos desígnios de Deus o complemento da Sua obra; era a crucificação que convinha a pena do pecado, a maldição do pecado, a voluntariedade do sacrifício e a natureza da mediação.

A pena do pecado. Jesus Cristo, tendo-se proposto expiar todos os pecados, devia sofrer a pena devida a todos os pecados. O corpo do pecado. Diz São Paulo, é a concupiscência devia ser imolada em todos os Seus movimentos e desordens.

Esta imolação, porém, da concupiscência, dizem os teólogos, não podia efetuar-se senão pelo suplício da cruz que se experimentam ao mesmo tempo todos os sofrimentos de todos os diferentes gêneros de morte? É na cruz que toda concupiscência, isto é, o orgulho, a cobiça, a sensualidade, é imolada; é na cruz que se sofre em todos os membros, ossos e fibras; é na cruz que o opróbrio, unindo-se a dor, não somente a alma e o corpo, mas todo o sentimento da alma e toda a parte do corpo tem o seu sofrimento particular.

Mas, como Jesus Cristo, inocente, podia na Sua carne, sem pecado sofrer a pena do pecado? A teologia no-lo ensina. Deus, fazendo-Se homem, revestiu-Se, não da humanidade impassível, como existiu em Adão inocente; mas da humanidade passível, como existiu em Adão prevaricador. É assim, diz São Paulo, que, sem ter a carne do pecado, a natureza humana do Verbo tinha a semelhança exterior da carne do pecado, e pode expiar a pena do pecado.

Fazendo-Se homem, Deus também não tomou a carne de um indivíduo, de um só homem; mas de toda a espécie humana. É assim que Jesus Cristo pode representar a todos, pagar a concupiscência de todos; e, como diz São Paulo, em Jesus Cristo crucificado foi crucificada a humanidade inteira.

Se a crucificação era conveniente a pena do pecado, não o era menos a maldição do pecado.

A morte de cruz era por excelência o sinal de ignomínia, infâmia e desprezo.

Jesus Cristo que, como mediador universal, queria revestir-se todo o opróbrio do gênero humano, devia ser morto do modo mais infamante, para que aos olhos de Deus fosse visto carregado de toda maldição.

Só a crucificação podia também revelar a voluntariedade do sacrifício. Ele sacrificou-Se porque quis: *oblatus est quia ipse voluit*. Mas nenhum outro gênero de morte podia aos olhos essa voluntariedade. Se, diz um teólogo, Ele fosse assassinado como Abel, levado a uma fogueira como Isaac, serrado como Isaías, lapidado como Zacarias, ou degolado como João Batista, parecia não sucumbir senão a uma força exterior; parecia não ser senhor da Sua vida e dos Seus últimos momentos; parecia morrer, não como aconteceu, no momento escolhido por Ele próprio, mas no momento escolhido pela brutalidade dos Seus carrascos.

A crucificação, porém, é um suplício que não dá a morte no momento escolhido pelo executor; que não causa senão uma morte lenta e difícil, deixando muito tempo a vítima entre a vida e a morte. Portanto, Jesus Cristo, aceitando a morte de cruz, demonstrou que sua morte era menos o efeito do ódio dos Judeus que da Sua vontade, que só permitiu o esgotamento de todas as suas forças e de todo o calor vital depois de ter dito na Cruz tudo que lhe convinha dizer, e ter mostrado, surpreendendo com a Sua morte os próprios carrascos, que era o Senhor absoluto da Sua vida.

Finalmente, a crucificação convinha a natureza da mediação, porque Jesus Cristo era o mediador entre o céu e a terra, e é pela Cruz, diz São João Crisóstomo, que Jesus Cristo é colocado entre um e outra, mostrando-nos o caminho perdido pelo nosso pecado e reconquistado pelo Seu sacrifício; é na Cruz, diz São Cipriano, que Jesus Cristo se nos mostra a verdadeira escada que restabelece entre Deus e os homens e antiga comunicação; é na Cruz, diz Ventura, que Ele, estendendo Seus braços para os dois pólos, proclama assim que os tem abertos para abraçar todos os filhos de Deus disseminados sobre a superfície do mundo inteiro.

E agora, cristãos, agora disse-me se a Cruz de Jesus Cristo é uma ignomínia ou uma glória; se, como o século, nos devemos envergonhar, ou se antes, como o apóstolo São Paulo, nos devemos gloriar dela.

Envergonharmo-nos?! Não; nunca!

Salve, Cruz de Jesus Cristo! Nós te reconhecemos como a nossa única e verdadeira glória: *nos autem gloriari oportet in cruce Domini Nostri Jesu Christi*. Tu foste a nossa reabilitação na queda, e a nossa vida na morte: *per quem salvati et liberati sumus*.

7.- O FRUTO DA PAIXÃO

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi

Eu cumpro em mim o que falta à Paixão de Jesus Cristo

Destas palavras do apóstolo São Paulo tirei as considerações da simples instrução que me resta fazer-vos como complemento de tudo que deixei dito sobre a Paixão.

Bastantemente meditamos em várias predicas este adorável Mistério, no qual tantos atributos de Deus se nos revelam: a Sua onipotência, sabedoria, santidade, justiça e bondade. A Sua onipotência – porque vimo-IO na Paixão triunfar do universo pelos meios aparentemente mais vis e fracos. A Sua sabedoria – porque vimo-IO conciliar maravilhosamente os direitos da Justiça com os desejos da Misericórdia, punindo o pecado e ao mesmo tempo perdendo ao pecador. A Sua santidade – porque vimo-IO punir inexoravelmente o Inocente, só porque se Lhe mostrou revestido das aparências do pecado. A Sua bondade – porque entregou Seu Filho à morte para nos salvar.

Revelando-Se assim os atributos de Deus, o Mistério da Paixão revela também a enormidade do pecado, a sua pena eterna, e o preço da nossa alma. A enormidade do pecado – porque só o mérito infinito de um Deus crucificado pode expiá-lo. A sua pena eterna – porque, sendo infinito o mérito de Jesus Cristo, a Sua morte foi um remédio infinito. Ora, um remédio infinito supõe uma desgraça infinita, que Jesus Cristo veio evitar; e não haveria proporção entre o pecado e a Sua morte se a pena do pecado não fosse o inferno. O preço da nossa alma – porque para salvá-la não duvidou Deus dar o Seu próprio sangue; e quem de pouca valia pode julgar a sua alma vendo-a assim prezada pelo Deus Redentor?!

Mas, se a Paixão nos ensina tudo isto, qual deve ser para nós o fruto da Paixão?!

Os mistérios que nesta quaresma temos estudado serão cenas teatrais a que viestes assistir; ou fontes de salvação onde viestes beber tantos remédios quantos são os males que em vós tem produzido o pecado?!

Por ventura a Igreja, exibindo aos vossos olhos essas reproduções plásticas da Divina Tragédia da Paixão, tem o intuito de impressionar-vos apenas; e esses quadros que com tanto afã viestes contemplar – a Agonia, a Flagelação, a Coroação de Espinhos, o Caminho do Calvário, a Crucificação – só devem ter o efeito de despertar a vossa sensibilidade e provocar a vossa condolência?!

Não. Porque a Igreja, em relação a Paixão, nos ensina duas verdades capitais: 1.^a, os mistérios da Paixão não são somente fatos que se consumaram há dezenove séculos; são, como todos os mistérios e obras de Nosso Senhor, fatos permanentes, sempre reproduzidos, como se cada dia eles se realizassem de novo.

Jesus Cristo abrange todos os séculos e tempos; o passado, o presente e o futuro: *Christus heri et hodie ipse et in secula*. Se isto é verdade, máxime em relação a Paixão, pois ela vive sempre no augusto sacrifício da Missa e é sempre eficaz nos Sacramentos que todos tiram sua virtude do precioso sangue de Jesus Cristo.

2.^a: Jesus Cristo, sofrendo por todos os homens, sofreu particularmente por cada um de nós, como se cada um de nós fora o único que tivesse pecado e necessitasse da Sua Paixão; de modo que a cada um foi aplicado o sangue de Jesus Cristo tão exclusivamente como se todos os outros não estivessem nas mesmas condições.

Eis em relação à Paixão as duas verdades capitais sem as quais ninguém pode tirar dela o devido fruto; porque este fruto só provém da aplicação que cada um faz a si próprio dos méritos e satisfações de Jesus Cristo.

Eis porque dizia o apóstolo São Paulo: “eu satisfaço em mim o que falta à Paixão de Jesus Cristo.”

Mas, que é que podia faltar à Paixão de Jesus Cristo? Por ventura não foi ela completa? Sim, em relação a Jesus Cristo; não, em relação a cada um de nós.

É preciso que cada um se aproprie dela, torne-a sua, para que então a Paixão de Jesus Cristo seja completa em relação a cada um de nós.

Era isto o que queria significar o Apóstolo. Ele, que tinha evangelizado os Gentios, confundido os Gregos, assombrado o mundo, e que num rapto sublime fora elevado ao terceiro céu, compreendia, não obstante, que se não poderia salvar senão completando em si a Paixão de Jesus Cristo. Vós, pelo contrário, entendeis que, concorrendo apenas a estas solenidades da Igreja; contemplando os quadros alegóricos da Paixão; ouvindo as predicas do orador sagrado e acompanhando pelas ruas da cidade os sagrados préstitos, tendes a vossa salvação segura!...

Eu lamento, porém, a vossa ilusão, e com fraqueza vo-lo declaro: se a vossa piedade se reduz a isto, de nada vos serviria a Paixão de Jesus Cristo; para vós ela é como que se não existisse. De fato, para muitos ela não existe.

Como dizia S. Bernardo, há homens para quem Jesus Cristo ainda não nasceu, não viveu, não sofreu, não morreu, não ressuscitou e não subiu ao céu.

Quais são eles? Todos os que pensam como vós, isto é, todos os que se limitam a ver as cenas da Paixão como cenas de teatro, ou ouvi-las descrever apenas como episódios patéticos e trágicos.

Todos os mistérios de Nosso Senhor têm duas partes; uma exterior: o corpo do mistério; outra interior: o espírito do mistério. O corpo do mistério são as circunstâncias exteriores no meio das quais ele se realizou. O espírito do mistério é o que se passou no espírito de Nosso Senhor quando Ele o operou, isto é, os pensamentos do Seu entendimento, os afetos, os Seus desígnios e, mais que tudo, as virtudes que praticou: humildade, pobreza, obediência, caridade.

Ora, o corpo do mistério nem todos podem reproduzi-los; porque só graças extraordinárias podem transformar um homem numa imagem real e aparente de Jesus Cristo.

O espírito do mistério, porém, todo o cristão pode e deve, quanto comportarem as suas forças, reproduzi-lo em si, adaptando os diferentes estados de sua vida aos correspondentes mistérios de Jesus Cristo; tendo também, como Ele, o seu Belém, o seu Egito, o seu Nazaré, o seu templo, o seu Batismo, o seu Deserto, a sua Missão, a sua Paixão, o seu Calvário, para que, como Ele também, possa ter a Ressurreição e triunfo no céu.

Esta reprodução de Jesus Cristo como se a faz? Imitando-O. É nesta imitação que consiste a nossa garantia de salvação, porque diz o Apóstolo: “Aqueles que Ele conheceu Ele predestinou a serem conformes à imagem de Seu Filho, primeiro nascido entre muitos irmãos.”

Sem essa imitação não há salvação; e, quanto mais perfeita for à imitação, mais segura será a salvação.

Por isso todo intuito da Igreja, nestas como noutras solenidades, é reproduzir em nós a figura de Jesus Cristo; e, se anualmente nos apresenta representados ao vivo os mistérios de Sua Paixão, é para que deles nos apropriemos devidamente.

Todos estes mistérios são meios de santificação que nos devem conduzir a procurar o sangue de Jesus Cristo. Onde o encontramos, esse sangue precioso que único pode nos lavar do pecado? Nos quadros da Paixão que tanto gostais de contemplar?! Nas imagens do Crucificado que tanto vos apraz olhar?! Nas procissões a que com tanta presteza concorreis?!

Não! Nos Sacramentos, canais da Graça, vasos do precioso sangue de Jesus Cristo, expressões sagradas da vontade de Deus, que assim como na ordem física não comunica a vida natural senão por meio de determinados instrumentos, de intermediários, de Sacramentos sobrenaturais.

Vede: na ordem natural Deus não opera senão por intercessão de coisas ou de pessoas.

Ele poderia nos alimentar diretamente, ou pelo menos dar a nossa própria substância o vigor bastante para subsistirmos. Entretanto, colocou em organismos naturais a vida que se nos comunica; e, se não recorremos a terra, a planta ou ao animal, não poderemos subsistir, não poderemos ter a vida física. Poderia também diretamente curar um doente ou instruir um ignorante; mas não o faz senão por intermediário do médico ou do mestre.

Porque se estranha que Ele proceda do mesmo modo na ordem religiosa? Ele poderia nos dar a Graça diretamente e infundir em nós o Seu precioso sangue. Não o faz, entretanto, senão por meio dos Sacramentos; e, se queremos a vida divina, havemos de recorrer aos mananciais que a contêm.

Aliás, se na vida divina, como todos os cristãos facilmente aceitam, é preciso um Sacramento para nascer, outro para crescer, outro para casar-se: porque não será necessário um Sacramento para curar-se do pecado, que outra coisa não é senão a moléstia da alma; e recuperar a Graça, que outra coisa não é senão a saúde, a vida divina do cristão?!

O doente não se cura sem o remédio,

O pecador não se regenera sem a confissão.

É neste adorável Sacramento que principalmente reside o fruto da Paixão, de cujos méritos não nos podemos apropriar senão recorrendo ao precioso sangue que Ele derrama sobre o pecador arrependido.

A confissão humilha, confunde, abate a vaidade, castiga o orgulho, violenta o amor próprio?! Mas é por isso justamente que cumprimos em nós a Paixão de Jesus Cristo, que se deixou humilhar, abater, confundir em castigo de nossas vaidades, orgulhos, cobiças e sensualidades.

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi.

Sem a humilhação da penitência nenhum cristão pode dizer que cumpre em si a Paixão de Jesus Cristo. Sem a confissão, estas festas poderão ter impressionado os vossos olhos; as predicas deste pobre orador poderão ter agradado aos vossos ouvidos; mas tudo isto não terá convertido os vossos corações e de nenhum proveito vos terá sido a Paixão de Jesus Cristo.

O templo encheu-se literalmente para verem-se os quadros, ou para ouvir-se o orador?! As ruas regurgitaram de uma multidão compacta atrás dos emblemas e andores?! Nada disto vos aproveita, se esqueceste o caminho do confessionário; se não fostes receber naquela fonte viva do precioso sangue de Jesus Cristo a água que lava as iniquidades, e o vigor que garante a vida eterna.

Este é o fruto da Paixão; e quem não foi colher este fruto na árvore de salvação que Jesus Cristo plantou na Sua Igreja não pode dizer que cumpre em si o que falta à Paixão de Jesus Cristo.

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi.

Que cegueira a daquele que não compreende estas palavras!
Que confusão não será a sua na eternidade!

Verá, mas muito tarde, que Deus fez tudo por si: - revestiu-Se de sua carne, nasceu, sofreu, foi coberto de opróbrios, foi crucificado – tudo isto para salvá-lo; e toda esta fonte de vida, a Paixão de Jesus Cristo, não foi para ele senão uma fonte de morte!

Pode haver maior desventura, maior infortúnio, cristãos?! Não! Portanto, enquanto é tempo, que cada um se aposse do tesouro infinito do Divino Amor; que cada um se aproprie dos Sagrados méritos do seu Redentor; que cada um se habilite para poder dizer com o Apóstolo: *adimpleo ea quae desunt passionum Christi*: eu cumpro em mim o que falta à Paixão de Jesus Cristo.